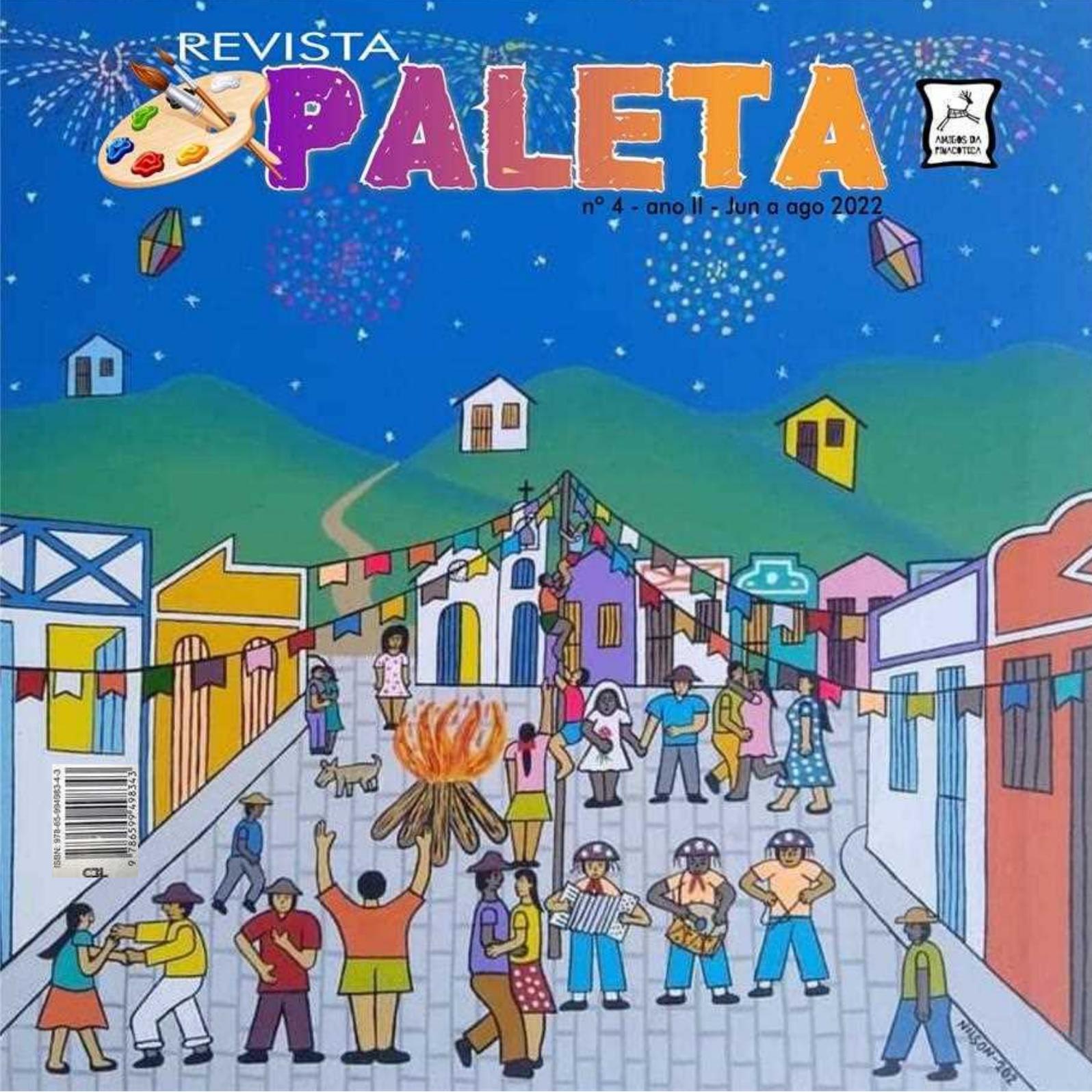


REVISTA

PALETA



nº 4 - ano II - Jun a ago 2022



ISSN: 978-65-994983-4-3
9 786599 498343

WILSON-302

AMIGOS DA PINACOTECA

Diretor Executivo
Iaperi Soares de Araújo

Diretora Administrativa Financeira
Ana Neuma Teixeira de Lima

Diretor Técnico
Antônio Marques e Carvalho Júnior

Secretária Executiva
Maria Geruza Soares Câmara

Contador
Ramires Martins de Sousa

Conselho Fiscal
. Emanuel Ferreira do Nascimento
. Daniel Melo de Lima Martins
. Rosa Maria da Costa
. Felipe Fernando N. M. Nascimento
. Cláudio Marques Alves

Editor da Revista Paleta
Alfredo Neves

Assessoria de Imprensa
Cinthia Lopes

Conselho Editorial
Isaura Amélia
Manoel Onofre Neto
Dione Caldas
Maria Geruza Soares Câmara
Vicente Vitoriano
Alex Gurgel
Adriano Caldas
Thiago Gonzaga
Cláudio Damasceno

Diagramação
Edilson Martins



Capa:
Meu bom são João: 50 x 50
acrílico sobre tela
Francisco (Nilson) dos Santos,
nascido em Currais Novos-RN
residente em Acari-RN



Contracapa:
Matuto no arraia: 40 x 50
acrílico sobre tela

Sumário

Editorial: A Paleta em estado de arte	04
MAS-SP apresenta a exposição Naífs modernistas, contemporâneos com a participação de artistas do RN.....	05
A poesia fescenina de Zefa do Potengy.....	09
Luzia Dantas: permanência do Barroco na escultura popular.....	12
“Temos a arte para não perecer da vida”	14
III BIENAL ARTE DOLOMITI A chave para ser livre.....	16
Veredas da arte contemporânea.....	21
Frutos da terra.....	22
Uma tela inacabada.....	24
110 anos de nascimento do Rei do Baião.....	26
Os sonhos do príncipe sueno.....	28
Emily Dickinson Vida e obra parte 1.....	34
TURISMO: economia, lazer e cultura.....	38
Quem pode canta, quem não pode dança.....	42
Sim, o movimento vem de dentro!.....	45
Imagens da mulher em memórias da infância e da adolescência.....	46
THOMÉ: A impressão poética pictórica.....	49
Moura Rabello: um lugar na História das Artes Plásticas no RN - Começo do século XX.....	52
NAVEGANTES: Espaço poético.....	56
GIÁCOMO PALUMBO: um arquiteto e urbanista que precisa ser lembrado.....	59

Editorial

A PALETA EM ESTADO DE ARTE

A Arte a cada dia fascina pessoas de todas as gerações. O diálogo dos artistas com a sociedade em geral se dá de forma a permitir que as técnicas utilizadas para produzir arte se aproxime das pessoas através do fotógrafo e o seu equipamento moderno seja para fotografar de maneira tradicional ou atual, fazendo uso de mecanismos tecnologicamente capazes de facilitar focos, luzes, matizes, profundidade e outras evoluções que deixaram para trás (mas sem esquecer a sua importância), os daguerreótipos e as brilhantes películas dos irmãos Lumière. Ou as abóbadas, arcos e capitéis que foram sobrepujados pelos atuais ferros retorcidos e desenhados artisticamente por máquinas evoluídas ao longo do tempo para deixar as estruturas adaptadas aos novos cálculos das megas obras para atender com rapidez e de forma atenta aos traçados dos lápis dos arquitetos como Niemeyer, Le Corbusier, Lina Bo Bardi, Antonio Galdí e aos paisagismos maravilhosos de Burle Marx e Rosa Grena Kliass. Esse diálogo é ainda mais forte quando se trata daquilo que todos pensam que seja o eixo central da arte, que são as artes plásticas com as suas belas e necessárias adaptações ao longo dos séculos e séculos, deste a Vênus de Willendorf até aos dias presentes, com as obras de artistas locais, sejam encantados ou vivos, como Dorian Gray, Thomé, Newton Navarro e Iaperi Araújo, ou aos nacionais como Romero Brito, Abraham Palatnik, Anita Malfatti, Iberê Camargo, Hélio Oiticica e tantos outros em nosso meio com as suas técnicas e estilos que vão desde o Expressionismo, Pós-Impressionismo, Cubismo, surrealismo, Naïfs, abstrato, geometrismo e de quase infinitas estéticas.

A Paleta vem com este novo número para dizer que estamos aqui para unir a Arte com essa vontade de ensinar, ofertar e apresentar textos para lançar mais uma pitada de fascínio aos amantes de assuntos tão pertinentes aos seus leitores. São temas ricos e escritos por pessoas de capacidade ímpar que contribuem com a Paleta para torná-la a cada edição um veículo de informação único, que aborda essa temática artística e provocadora em nosso RN.

Aos nobres leitores, o nosso obrigado dos Amigos da Pinacoteca Potiguar pelos milhares de acessos ao site e ao mesmo tempo à revista PALETA em suas edições anteriores, a atual e as demais que serão lançadas.

Boa leitura!

Alfredo Neves

MAS-SP apresenta a exposição Naïfs

modernistas, contemporâneos com a participação de artistas do RN



Marinilda Boulay

Artista visual, curadora, pesquisadora,
produtora cultural

Mostra plural com artistas de diversas partes do país, representativos da melhor arte naïf brasileira, faz homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922.

P arte da programação dedicada aos 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, a exposição abriu no sábado 9 de abril, na Sala Metrô Tiradentes do Museu de Arte Sacra de São Paulo, reunindo 85 obras de 76 artistas de diversas partes do país representativos da melhor arte naïf brasileira. Mostra plural « Naïfs: modernistas, contemporâneos, atemporais » faz homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, evento mais emblemático no universo da arte e da cultura brasileiras nas primeiras décadas do século XX. São pinturas, colagens, desenhos, aquarelas, gravuras, esculturas, bordados, costuras e modelagens. A exposição ficou em São Paulo, capital, até o dia 5 de junho, seguindo para Socorro, no interior



Da esquerda para a direita, de pé Bruno Boulay produtor cultural, Vice-Presidente do ITC, Instituto Totem Cultural, a curadora e artista Marinilda Boulay (de vermelho) com o diretor do Museu de Arte Sacra Professor José Carlos Marçal de Barros (sentado), durante a abertura da exposição

do Estado de São Paulo, onde fica de 16 de julho a 24 de setembro.

Como o Brasil se entendia em 1922, no centenário de sua independência de Portugal, e no momento



Comitiva de integrantes e colaboradores dos Amigos da Pinacoteca Potiguar, presentes na vernissage em SP, da esquerda para a direita : Dr. Manoel Onofre Neto, Marlise Santos Correia, Prof. Isaura Amelia, artista Potiguar Edison Araujo, Dione Caldas, e Prof. Gerusa Câmara

em que foi realizada a Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal de São Paulo: queria deixar o passado de lado, projetar-se em direção ao futuro, com todas as marcas das desigualdades que nos assolavam e continuam assolando até hoje? Como o Brasil se en-



Obra da artista Olympia Bulhões que participa da exposição: "Escola de Arte"

tende hoje, 200 anos depois da independência, e 100 anos da Semana, em que a barbárie nos cerca por todos os lados, em que a cultura brasileira é constantemente atacada? Essas são algumas das discussões que nortearam a realização desta exposição.



Um elegante coquetel foi oferecido na abertura da exposição nos jardins do Museu de Arte Sacra de São Paulo com a presença de artistas, críticos, jornalistas e autoridades



A exposição beneficiou de uma importante divulgação no Metrô de São Paulo, com mais de 19 mil usuários diários na estação Tiradentes onde a sala da exposição do Museu de Arte Sacra está instalada. Na foto vemos a curadora da exposição Marinilda Boulay

Marcadas pela transgressividade, a irreverência, a mestiçagem, o sincretismo religioso e a determinação em manter viva nossa capacidade de sonhar, as obras apresentadas são herdeiras da audácia daqueles jovens de 1922, e denotam a necessidade premente de se construir o Brasil que a gente quer no futuro, hoje, com seus múltiplos sotaques, culturas e narrativas, diz Marinilda Boulay, curadora da mostra.

Artistas representativos da melhor arte naïf brasileira expressam o que lhes parece merecedor de ser compartilhado em suas homenagens, interpretações, e releituras da Semana de Arte Moderna de 1922. Na maior parte autodidatas, esses artistas desenvolveram recursos impensáveis para a criação das obras apresentadas, sustentando-se na antropofagia, promotora da brasilidade semeada pelos

modernistas. Entre eles temos grandes artistas do Rio Grande do Norte, como Edilson Araujo, um mestre com um percurso legitimado a nível nacional e internacional, e a talentosa Olympia Bulhões.

A Antropofagia buscava, dentro da ideologia do início do século passado, devorar e adaptar ao estilo brasileiro a cultura europeia, criando uma arte que pudesse ser considerada nacional. De certa maneira, em muitas frentes, como mostra esta exposição, essa questão continua atual dentro dos atuais parâmetros da contemporaneidade visual e cultural, com predomínio da glocalização, ou seja, com a arte sendo cada vez mais global e local ao mesmo tempo, afirma o crítico de arte Oscar D'Ambrósio, que colaborou com o projeto.

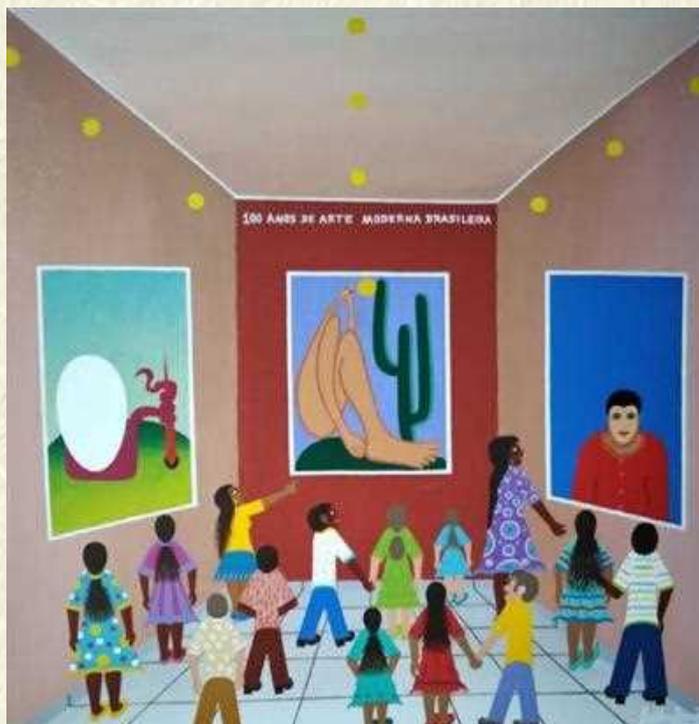
Mostra segue para o Museu Municipal da Estância de Socorro no in-



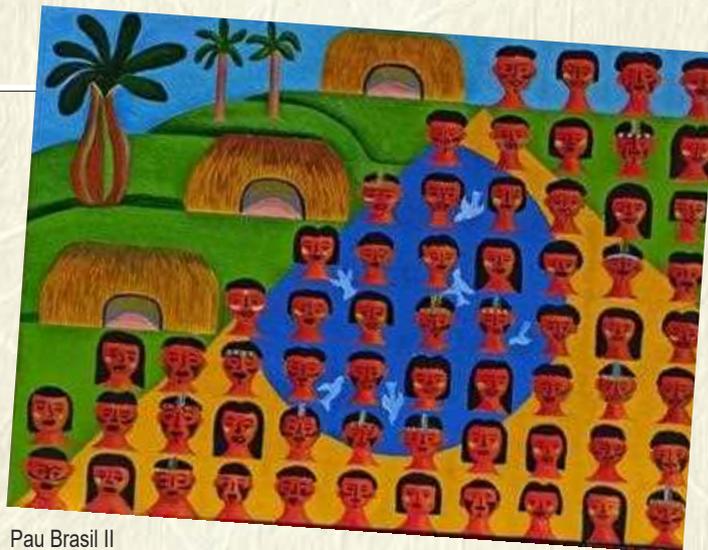
Festa Junina de São João
Altamira, 2022 Acrílica sobre tela 50 x 50 cm

terior do Estado de São Paulo, onde fica do 16 de julho ao 24 de setembro será ampliada com mais artistas e obras.

Naifs: modernistas, contemporâneos, atemporais, traz a contribuição da diversidade cultural brasileira que seja de matriz europeia, afrodescendente, indígena, na construção da ideia de modernidade, da-



Obra do artista Edilson Araujo apresentada na mostra: "Cem anos de arte moderna"



Pau Brasil II
Rodrigues Lessa, 2022 Óleo sobre tela 30 x 40 cm

quilo que nos faz plural e singulares ao mesmo tempo. A mostra apresenta a cultura popular não como um elemento da tradição do passado, mas como algo, que alimenta a atemporal arte naif, que tem tantas definições quanto o número de artistas que participam desta mostra.

A Mostra poderá ser visitada virtualmente a partir do mês de julho nos sites: www.museuartesacra.org.br e www.totemcultural.org.br/expo

NAIFS: MODERNISTAS E CONTEMPORÂNEOS

De 16 de julho a 24 de setembro de 2022

Museu Municipal Dr. João Baptista Gomes Ferraz - nos seus 30 anos.

Entrada gratuita

Aberto de 3ª a sábado das 9h às 17h

Rua Antônio Leopoldino, 185, Centro, Socorro-SP

T: (19) 3895-8344

MARINILDA BOULAY, 1960, nasceu, vive e tem seu ateliê na cidade de Socorro-SP nas montanhas do café, entre São Paulo e Minas Gerais. Artista visual, curadora, pesquisadora, produtora cultural, formada em Interpretação Teatral pela ECA – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com DEA e Doutorado no Instituto de Estudos Lusófonos e Brasileiros pela Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, na França, onde morou 12 anos. Sem jamais cursar uma escola de artes visuais, Marinilda Boulay é uma artista autodidata com grande afinidade com a arte popular, e a arte chamada naif, ou singular. Com participação nas principais mostras para essa estética, consolidou sua carreira no circuito nacional e internacional: « Les Rendez-vous des Naïfs na França (2019) Festival de Arte Naif de Katowice na Polônia (2018 - 2019); MIANM - Museu Internacional de Arte Naif de Magog no Canadá (2019 e 2020); 4ª Bienal Internacional de Arte Gaia, em Portugal (2021).

A poesia fescenina de *Zefa do Potengy*



Alex Gurgel

Fotógrafo, jornalista e professor de fotografia

Baixinha, cintura fina, pernas grossas, bunda grande, tetas pequenas, longos cabelos cacheados, olhos verdes, lábios grossos e língua ferina, Zefa do Potengy é uma mulher singular e com 36 anos diz gostar de fazer “poesia com sacanagem”. Segundo ela, é uma forma de expressar sentimentos e desejos incontidos, que ela faz questão de soltar nos versos que espalha pelo bairro em que ela mora em Natal, o Conjunto Potengi, Zona Norte da cidade.

Funcionária pública, ativista social, vegetariana e mãe solteira, Maria Josefa da Silva estudou sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mas não chegou a terminar o curso porque engravidou e teve que ir cuidar da criança sozinha sob os protestos da família que queria que ela procurasse o pai do rebento para ajudar na criação. “Dou conta da minha vida sozinha”, ressalta a poeta que diz que o “status” de solteira é a melhor coisa dessa vida.



O gosto pela poesia começou na UFRN, nas rodinhas com amigos e nas farras até altas horas quando a galera recitava versos pela noite sem fim, farras regadas com álcool “e outras coisitas más que servem para instigar a criatividade, além de dar muito tesão”, declara a poeta, dizendo que sempre amanhecia com sua turma na beira da praia de Ponta Negra, aos pés do Morro do Careca.

Fã dos poetas fesceninos Moyses Sesyon e Celso da Silveira, do Assú, Zefa escreve suas poesias sem compromisso, mas afirma que está juntando seus versos para publicar um livro no futuro. Para mostrar o que escreve, a poeta faz algumas performances poéticas pelo Beco da Lama, nos corredores do Setor 02 da UFRN ou nos bares de Ponta Negra. “Se eu tiver oportunidade de participar de saraus ou mesmo no final das farras, sempre declamo meus versos”, afirmou.

No seu dia-a-dia, Zefa prefere ficar no anonimato e não gosta de fotografias nem tem redes sociais, apesar dos amigos insistirem em divulgar seus poemas, espalhando-os pelas teias da grande rede. Com uma personalidade forte e a alma alegre, ela promete continuar nas sombras da fama, porém quer continuar espalhando seus versos pelos espartilhos nas noites de boemia.

SONETO DE MEL

(Zefa do Potengy)

Aquele homem nada feio
Queria o gosto do meu mel
Me encabulada no alheio
Brechando pelo buraco do tonel

Quando eu tomava banho
Ficava punhetando sem parar
Com aquela vengia sem tamanho
Imaginando louca em trepar

Naqueles dedos sebosos e ligeiros
Esfregando docemente na vagina
Feito açoitado baboso de um punheteiro

Gozava louca naquela pica enxerida
O cavalo negão chamava de bambina
Lambuzava toda com a gala colorida

MUGANGA NA CAMA

(Zefa do Potengy)

Numa tarde de muganga
Vestida numa tanga
Lá em Cajupiranga
Desfilando feito baranga
Rodeada de capanga
Cheia de bugiganga
Soltando a franga
Chupando uma xandanga
Com gosto doce de manga
Cantei coco alto na moranga
E terminei toda galada na cama.



CLASSIFICADOS ERÓTICOS

(Zefa do Potengy)

Procura-se um macho
Que dedilhe uma vulva
úmida de noites magras
e desejos debochados

Procura-se um homem
Cheirando felação em massa
Com falo roxo em riste alegre
De língua ligeira sem versos

Procura-se um tarado
Querendo me comer
Sem guardar noites
Estourando sêmen verde

MORDENDO OS BEIÇOS

(Zefa do Potengy)

Morder! morder o
hímen adocicado
Um falo feito lâmina
entre duas coxas
do polo ao pólem.

Morder os bicos dos figos
antes que murchos
antes dos dentes
sempre morder
e jamais sugar.

Morder somente a sua semente
antes de agora
antes da aurora
morder e fuder
e arder em mel
o amor.

RECADO AMOROSO

(Zefa do Potengy)

O que dizer a meus seios
Quando eles notarem
A ausência definitiva
Das tuas mãos?

O que farei com o calor
Entre as pernas
Ainda sentindo molhado
Tua língua lambendo?

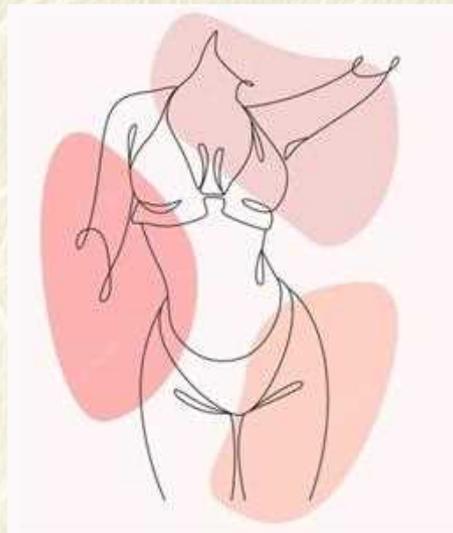
RETRATO

(Zefa do Potengy)

Beijo e lambo
sua boca de baixo.
seus belos cabelos
molhados.

Beijo a barba
com a cara
toda enfiada
e cega.

Beijo e chupo
sem ver nada
com a língua
inteira.



CANIBALISMO

(Zefa do Potengy)

Sinto sua língua triturando
Minhas entranhas
Vejo seu cacete grande
Entrando em mim
Estou em coma
Coma tudo de mim
E depois,
Cuspa.

GALOPE NA BEIRA DO MAR

(Zefa do Potengy)

Na beira do Mar
Cavalguei Num tarado
Com o verbo amar
Feito um galope safado

Na beirado Mar
Chupei jeba latente
Pode me difamar
Fruta dura lactente

Na beira do Mar
Ele me chamava de puta
Deixei me inundar
Gozei feito uma matuta

Na beira do Mar
Nua feito imunda
Fudendo para gamar
Gala que fecunda

Luzia Dantas:

permanência do Barroco na escultura popular



Márcio de Lima Dantas

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Departamento de Letras

A escultora norte-rio-grandense Luzia Dantas (Luzia de Araújo Dantas) nasceu no Sítio Riacho, distrito de São Vicente (RN), em 28 de fevereiro de 1937, vindo a falecer em doze de fevereiro de 2022. As obras analisadas neste estudo integram a coleção particular do Sr. Nildo.

Luzia é detentora de um estilo extremamente singular, pautado sob o signo de uma dicção que em nada se assemelha a outros escultores advindos de uma tradição cuja raíze são o fato de eles serem autodidatas, - refratando quase sempre uma linha de continuidade -, como sucede acontecer na chamada arte de tradição clássica, na qual estilos históricos alternam-se em uma linha temporal. Com efeito, nos artistas indigitados como ingênuos ou naïfs, pelo fato de quase sempre realizarem seus trabalhos com um *ethos* autodidata, o conjunto da obra acaba por se revestir de um caráter único e, via de regra, detentor de uma opulenta originalidade. Em assim sendo, esses artistas logram êxito em desenvolver uma caligrafia pessoal e original no nível expressional dos seus trabalhos.

Ora, o Barroco não surge no contexto da Con-

trarreforma? Assim, sua Ideologia congrega todo um conjunto de pensamentos buscando demonstrar o poderio da Igreja Católica e seu cabedal de verdades e dogmas -, sendo este ritualizado de maneira obsessional no rito da Liturgia como sacração de uma história que remontava 1500 anos.

Luzia Dantas insere-se nessa tradição; contudo, caracteriza-se por filiar-se a uma tradição advinda da arte clássica, a saber, o Barroco, que no caso do Brasil, é um estilo que opera seu número não somente nas nossas artes visuais, mas também vigora desde sempre na Literatura, na Pintura ou mesmo em artistas como Carmen Miranda.

Mesmo detendo uma fatura não passada por formação escolar ou influenciada por alguém da família, o Barroco imprimiu tento e tino na santeria de Luzia Dantas. Provavelmente teria vindo por meio de antigos santos das igrejas do Seridó, santos de oratório ou mesmo de estamperia em revistas. O certo é que ocorreu na escultora uma forte identificação dessa arte caracterizada por tudo o que excede, pelo exagero, pelo apelo à subjetividade.

Nesse sentido é que se inscreve a obra de Luzia Dantas, caracterizada por um panejamento em dobras, dando a entender que a imagem é maior do que se imagina. Os talhes na madeira de Umburana também demonstram o quão dúctil esta pode vir a ser, em uma maleabilidade que torna o conjunto escultórico eivado de uma leveza, evocando o etéreo de uma escultura religiosa de tradição Barroca.



As esculturas de madeira mostram certa leveza no seu conjunto, embora o semblante quase sempre registre um hieratismo nas faces cheias, plenas de silêncios. Os olhos detêm uma espécie de absoluta indiferença com relação a um possível entorno do que é conhecido como real empírico. Há uma estaticidade das personagens esculpidas na madeira, evocando as estátuas da tradição egípcia, como se a escultora houvera querido imprimir um caráter eterno nas suas esculturas, ou melhor, como se o divino contido, atributo dos santos e santas retratados, resguardasse uma demanda de adoração ou homenagem por parte do expectador.

Luzia Dantas soube escavar a madeira com propriedade, impregnando suas imagens consoante o demandado pela Igreja Católica nos sistemas de exteriorizar o culto dos ícones evocadores de uma sempre reverência, tendo em vista a necessidade de ritualizar a fé como um dos principais dogmas.

Sua obra mostra certa leveza no conjunto escultórico, embora o semblante quase sempre registre um hieratismo, com rostos cheios, porém com os olhos de absoluta indiferença para o entorno da realidade que os cerca, afinal os dogmas da Igreja Católica os colocam em lugares de adoração e louvor, em uma atitude de buscar o pedagógico, servindo de exemplo aos praticantes de determinada fé. Bom evocar seu principal motivo esculpido: as imagens de Santana, que se bifurcam em duas direções, quais sejam: Santana em pé e Santana sentada, ambas com Nossa Senhora menina, sempre com um livro



nas mãos, simbolizando uma pedagogia de uma completude cuja aura conteria as tantas virtudes daquela que viria a ser mãe de Jesus.

Eis que atestamos o fastígio do Barroco na arte escultórica de Luzia Dantas. O tratamento dos dois temas acima aludidos reafirma a assinatura desse Estilo Histórico, tendo em vista que a linha curva é desenhada em inúmeras variações, em uma busca que excede uma possível retratação realista. Haja vista o tratamento manifestado nos resplendores e nas coroas, e mais ainda no cume das cadeiras nas quais Santana encontra-se sentada, cujo efeito decorativo faz saber das formas em S, tanto para

a esquerda quanto para a direita. Ora, o Barroco é o lugar por excelência da evocação a tudo o que concerne à subjetividade, sendo a primazia das em torno da linha curva, criando um semblante decorativo por meio de toda uma série de volutas

Não há qualquer dúvida de que Luzia Dantas é a nossa melhor santeira, detendo uma história de vida pautada por uma imanente força que a impulsionou a elaborar um conjunto de obras conhecidas pelo esmero e pela homogeneidade nos seus traços evocadores da nossa tradição Barroca. Há de se declarar, em certo sentido, a originalidade de seu trabalho resultado de uma força advinda do Imaginário, plasmado no espírito dessa senhora de origem humilde, fazendo saber que a Arte, como queria Aristóteles, é o resultado de uma *dynamis* (potencialidade) buscando ser *entelechia* (atualidade). Alguém pode duvidar que Luzia Dantas e sua obra é resultado dessa boda Barroca?

“Temos a arte para não perecer da vida”



Marta Guerra

Ex-professora de Estética Filosófica

Infelizmente, estamos vivendo tempos muito estranhos no Brasil. As pessoas fazem questão de parecerem ignorantes, grosseiras, brigando por tudo e por nada no trânsito, nos espaços públicos, nas redes sociais e até nas famílias. A misoginia, o racismo, a homofobia e o fascismo estão na ordem do dia. Os índices de feminicídio e de outros crimes contra a vida continuam crescendo, e parece até que é proibido ser pobre e ser preto. A população jovem e negra das comunidades tem sido objeto de violência indiscriminada. O assassinato de Genivaldo numa “câmara de gás” improvisada num carro da PRF e a aparente impunidade dos seus assassinos, terminam por naturalizar a violência que nos afeta a todos. E como chacota à sociedade, o Diretor-executivo e o Diretor de Inteligência da PRF, exonerados pelo Ministro da Casa Civil, “caíram para cima”: Foram “premiados” com um curso nos Estados Unidos, com salário de

US\$14.700,00 por dois anos, e já receberam 17 mil dólares como auxílio-mudança. Como sobreviver com sanidade mental neste caos?

Lembro de outros tempos sombrios, quando colegas, amigos e familiares desapareciam, eram torturados e mortos. Naqueles tempos, uma parte da sociedade também fingia que nada estava acontecendo. Mas outra parte se sacrificou até à morte, para que tivéssemos ao menos essa democracia capenga que temos hoje, e que precisamos defender com afinco e ainda melhorar. A perda da democracia não se dá de uma vez, como num passe de mágica. Ela foi conquistada a duras penas, mas a sua perda parece



Fonte: <http://www.circulandoporcuritiba.com.br/2019/01/so-arte-salva.html>

<https://www.matinaljornalismo.com.br/>

quase indolor. Ela é gradativa, e quase despercebida. E é esse o perigo: como vamos perdendo-a pouco a pouco, muita gente não se sente comprometida com a sua defesa. E nessa inércia, quando acordarmos será tarde.

Tenho escutado de muita gente que a maneira de preservar a sanidade mental neste caos que nos envolve é saindo das redes sociais e deixando de acompanhar as notícias. Não deixa de ser uma defesa, mas não estou segura se a alienação é a melhor escolha. Ela não redundaria em nenhum benefício, nem para quem se aliena e nem para a sociedade. Por outro lado, a sociedade mesma parece estar anestesiada, parece que não deseja nem a compreensão e nem a superação dos graves problemas que estamos vivenciando. É como se esse caos não existisse. Nessa situação calamitosa, precisamos urgentemente de algum meio de atravessarmos essa tempestade que nos envolve.

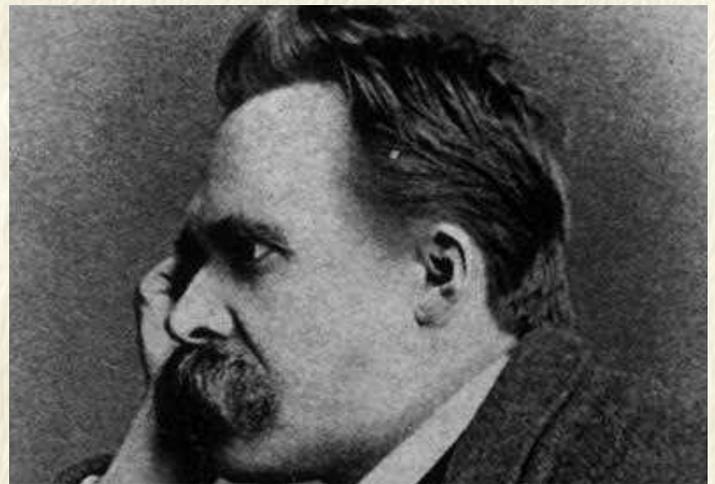
Nietzsche dizia que “temos a arte para não perecer da vida.” Ele via a arte como a necessária proteção à vida, que só se justificaria como fenômeno estético: “Só como fenômeno estético, a existência e o mundo aparecem eternamente justificados.” Contudo, eu não estou propondo uma fuga da realidade pela arte. No caos que nos envolve, precisamos urgentemente sermos pessoas melhores para compreendermos a real situação que estamos vivenciando e podermos nos



Obra de Bruna Rison

contrapor a essa derrocada da qual sofreremos os efeitos.

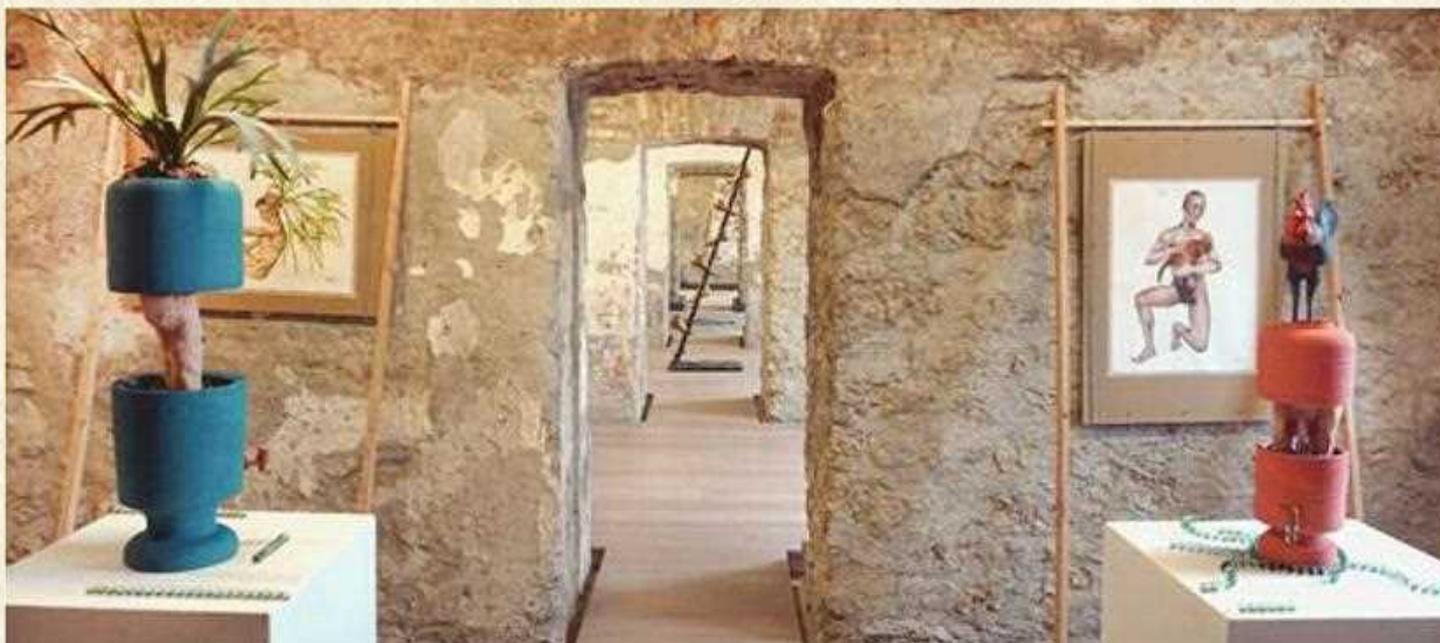
Tampouco estou propondo uma fuga pela arte, no lugar da fuga pela alienação. Estou propondo o fazer artístico e a apreciação da arte como ativadores da serotonina e da dopamina, neurotransmissores que controlam as emoções e proporcionam a sensação de bem-estar. Explico melhor: o fazer artístico e a apreciação da arte nos tornam pessoas mais felizes, e em consequência, pessoas melhores. E pessoas melhores desejam o bem não apenas para si, mas para todos. Sejamos, então, todos artistas, e transformemos nossas vidas numa grande obra de arte, buscando construir o bem para todos e todas!



Retrato de Friedrich Nietzsche – Reprodução

” III BIENAL ARTE DOLOMITI *A chave para ser livre* ”

FORTE DI MONTE RICCO | PIEVE DI CADORE - ITÁLIA
15 de maio a 17 de julho de 2022



No primeiro plano detalhe da sala com as obras de Daniel Torres, e ao centro em perspectiva escultura do artista Fabio Di Ojuarra. Foto: Daniel Torres

Sobre a direção artística e organização de Päivi Tirkkonen com curadoria de Christian Humouda a 3ª Bienal Arte Dolomiti 2022 marca a retomada da “Bienal da Montanha”, assim como é conhecida popularmente. As edições anteriores aconteceram nos anos de 2016 e 2018, e retorna as suas atividades após os desafios impostos pela pandemia da COVID-19. Pelo segundo ano consecutivo os artistas

Daniel Torres e Fábio Di Ojuara integram a exposição.

A 3ª Bienal orgulha-se de apresentar artistas estabelecidos e emergentes, mostrando uma diversidade de expressões artísticas nas mais diferentes mídias e linguagens. Soma-se ao todo 34 artistas, sendo 10 artistas italianos e 24 artistas visuais de mais de 15 países, incluindo a Austrália, Áustria, BRASIL, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Israel, Palestina, Polônia,

Turquia, Cingapura, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Estados Unidos da América (EUA), e de várias origens.

A terceira edição tem como tema "A CHAVE PARA SER LIVRE". Entorno da ideia de liberdade – em todos os seus diferentes aspectos e formas – os artistas de diferentes nacionalidades foram convidados a refletir sua prática e a responder às noções de liberdade.

Ideias de liberdade têm uma ressonância mais profunda em nossos últimos tempos. Enquanto a Grande Guerra dos Dolomitas ainda ressoa com muitos nos Alpes, o espectro da ameaça de guerra na Europa se intensificou com notícias diárias relacionadas ao conflito russo-ucraniano.

Há também a noção de liberdade que está ligada às ideias de Natureza e sustentabilidade ambiental – onde as liberdades individuais e as liberdades econômicas, (vistas através do consumo excessivo e do desperdício), têm sido capturadas, para alguns, às custas de um estilo de vida sustentável. Um tipo diferente de guerra com a Natureza está acontecendo.

É a visão da 3ª Bienal Arte Dolomiti dar ao visitante um momento de paz, descanso, lembrança, pensa-

FOTOGRAFIA LUIZ SCHELL



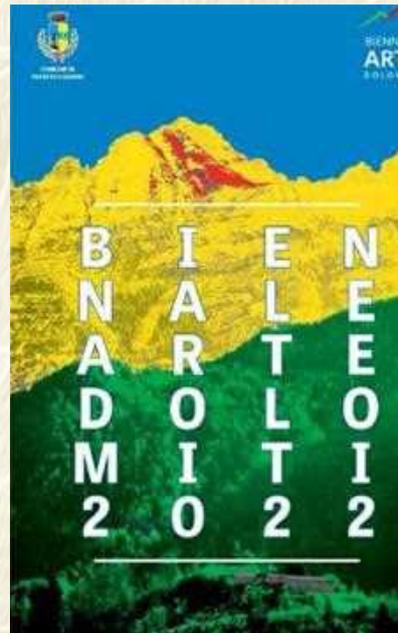
O artista Daniel Torres participa da bienal apresentando seis obras em aquarela e duas esculturas-objetos, que integram o seu mais recente trabalho: "Catexia".

mento e ação, em resposta às diferentes formas de arte, em um histórico forte, cercado de natureza intocada – despertando como hino ou hino à liberdade além das fronteiras da nacionalidade, idade, gênero ou recursos.

O LUGAR...

O forte histórico de Monte Ricco está localizado a uma altitude de 953 m acima do nível do mar. Outrora um castelo pré-moderno, passou por várias transformações mesmo em uma fortaleza militar no final do século XIX.

Foi reconstruída entre 1882 e 1895, juntamente com as fortificações do campo entrincheirado de Cadore, em um sistema defensivo erguido para defender o território contra o Império Austro-Húngaro. Os austríacos tomaram posse dela em 1917 e explodiram-na um ano depois, no final da guerra. Após o contra-ataque italiano, o forte foi abandonado. Em 1940, no início da Segunda Guerra Mundial, o forte ainda estava na linha de frente, parte do vale alpino. O fortalecimento do sistema defensivo Cadore nunca foi implementado e o forte permaneceu abandonado. As recentes e extensas



restaurações sobre a gestão liderada pelo Município de Pieve di Cadore, levaram à remarcação do Forte como patrimônio e patrimônio cultural, com sua reabertura oficial em maio de 2017.

O forte ganha valor cultural como uma plataforma de expressões artísticas contemporâneas na Itália e no exterior com a inauguração da 3ª Bienal Arte Dolomiti 2022, em 15 de maio de 2022.

SOBRE A OBRA...

Criadas durante o isolamento social da pandemia, as obras que compõem a série CATEXIA surgiram em 2020.

A busca de estímulos diante do mesmo espaço de confinamento, inerte e desinteressante, o inconsciente fantasiou o desejo.

Em seu trabalho mais íntimo, o artista estabeleceu uma conexão entre a figura masculina e o objeto presente em seu espaço, sem esquecer do seu próprio corpo, que se condensa visualmente em outras matérias, flertando com suas memórias.

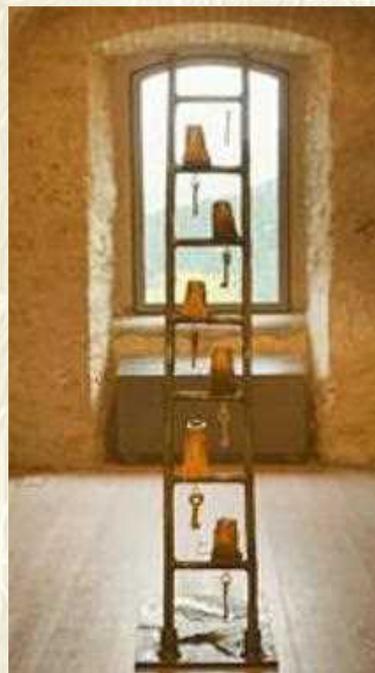


O artista Fabio Di Ojuara apresenta a escultura "A escada, a chave e a vida" e tem texto de apresentação assinado pelo Prof. Dr. Edrisi Fernandes, departamento de filosofia da UFRN

O desejo de ter algo; a inacessibilidade observativa; a retração de um acontecimento e a consequência disso são subjetivadas através dos símbolos em relação ao corpo. Imagens que se apresentam de forma comedida, e ao mesmo excitante, buscando traduzir sentimentos e tabus da sexualidade sobre a figura "masculina".

As imagens revelam um "toque" e uma sede em saber o que nunca termina. Aquilo que "pode" e o como será visto por alguns, o que chega a causar um determinado mal-estar, se acomodam inconscientemente no prazer. Um impulso de vida, arte e sexualidade.

FOTOGRAFIAS LUIZ SCHELL



SOBRE O ARTISTA DANIEL TORRES

Daniel Torres é multiartista graduado em Produção Cultural pelo IFRN, desenvolve seus afazeres artísticos entrelaçando artes visuais e artes cênicas. É gestor do Espaço Artístico A3 de Dança Contempo-

rânea e integrante do Grupo Teatro Carmin (RN). Já expôs nas cidades de Natal, Fortaleza, Rio de Janeiro

e Curitiba no Brasil, e em países como Itália e Áustria. Como artista visual iniciou sua carreira artística a partir da sua formação na linguagem do desenho e pintura, e teve como mestre o artista Adenilson Silvino na Escola de Artes José Lemos de Oliveira em Ceará-Mirim/RN. Atualmente pesquisa a figura do corpo e seus desdobramentos nas artes cênicas. Suas mais recentes produções são “PELO PESCOÇO” (2016), utilizando a técnica do pontilhismo e “CATEXIA” (2020), em aquarelas.

A tradição judaica (Mishná; Tosefta Shekalim 2: 15) ensina que o Templo de Jerusalém era protegido por sete guardas (os 'mrklyn ou amarkelin), detentores de sete chaves para as sete portas do pátio ('azahrah). Cada guardião tinha uma chave; se alguém desejasse entrar no Templo, não poderia fazê-lo até que todos os outros estivessem reunidos (uma alternativa a isso seria um chefe da guarda com todas as chaves de uma só vez). Esta é provavelmente a origem da tradição das “sete chaves” para um segredo bem guardado. Em sua escultura “A escada, a chave e a vida”, Fabio di Ojuara apresenta as sete chaves combinadas a sete degraus que também representam sete portões a adentrar, sete mares ou vales a atravessar, sete montanhas a escalar, ou as etapas necessárias para chegar ao sétimo céu, a conquista



Artista Plástico Ojuara

máxima. A vida é uma espécie de escada que vai do pó às nuvens, dos ossos (representados pelo esqueleto do peixe) ao espírito; cada passo leva a uma determinada realidade que se pode acessar adequadamente se a pessoa tiver a chave certa e souber como usá-la. Além disso, a liberdade é necessária para iniciar qualquer jornada e, idealmente, para decidir quando começar, por que avançar, para onde ir e o que fazer a seguir. A escultura de Ojuara é uma representação física e simbólica daquilo que J. R. R. [John Ronald Reuel] Tolkien (1892-1973), em *On Fairy Stories*, chamou de “recuperação imaginativa”, e que alguns de seus leitores entende-



Atirando o ovo, o curador da Bienal Christian Humoud



Essa foi outra performance: "disparando flores"



Päivi Tirkkonen criadora e curadora da Biennale arte Dolomiti/ Itália com o artista Fábio di Ojuara

ram como “não uma fuga da realidade, mas uma fuga para a realidade”. O que mais as pessoas verdadeiramente visionárias podem almejar?

SOBRE O ARTISTA FÁBIO DI OJUARA

Fabio di Ojuara nasceu no Brasil em 1958, mas vive e trabalha no Brasil e na Áustria. Membro da Associação de Artistas Potiguaras, trabalha com pintura, escultura, instalação e Performance.

Como pessoa, ele abraça a mudança. Aliado às influências do Dadaísmo, um movimento robusto que reflete o caos da humanidade, Fabio reflete ambos os espíritos em sua obra artística, por meio de sinais simbólicos e formas não convencionais de interpretação. Em 2006 fundou o slogan: "Agora, toda merda é arte" pela arte do correio e entre outras através de suas apresentações em Viena, Paris, Berlim e na Bienal de Veneza de 2007 a 2015, desencadeando uma controvérsia generalizada.

Em 2015, Fabio di Ojuara participou do "1º Triênio Veneza – Em Nome da Liberdade na Arte", no Venice Palazzo Albrizzi.

Nas pinturas, instalações, intervenções e esculturas interurbanas de Fabio di Ojuara sempre mostra sua preocupação com o meio ambiente. A contribuição de Fabio di Ojuara "ALGO" para a Bienal Arte Dolomiti é resultado de seu programa de residência artística em Cibiana di Cadore, onde ele usou principalmente materiais encontrados localmente.

MAIS INFORMAÇÕES

<https://www.biennalearte.com/en/>

Contato: **DANIEL TORRES** (Whatsapp) +43 660 8455358 - **FÁBIO DI OJUARA** (Whatsapp) +43 0677 643 72823

Veredas da *arte contemporânea*



Oscar D'Ambrosio

Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista e crítico de arte

A arte contemporânea tem muitas veredas. É possível ter algumas percepções do presente e do futuro a partir das experiências vivenciadas. Existe, acima de tudo, uma dinâmica de artistas, obras e público no mercado em que é possível observar diversas formas de interpretar a realidade do nosso tempo.

Para muitos, uma palavra mágica, no mundo da arte, é visibilidade. Pode ser alcançada por diversos caminhos: personalidade (excêntrica ou extremamente reservada); materiais (refinados e de alta qualidade; ou reciclagem e reaproveitamento); técnica (original e inusitada; ou precisa como resultado de muito estudo e exercício); acervo (guardar o melhor que é feito para mostrar no momento adequado); e poética (criar e desenvolver um conceito denso daquilo que é feito, vinculando as suas motivações àquilo que é apresentado e às jornadas futuras). Essas vias podem ser percorridas simultaneamente ou em paralelo, com eventuais pontos de encontro.



"For the Love of God" (2007), de Damien Hirst (Inglaterra)



"Shooting into the Corner" (2009), de Anish Kapoor (Índia)

A arte não tem o uso utilitário de um copo ou de uma taça, ambos utilizados como recipiente para bebidas. Ela envolve o mistério do processo criativo. Demanda discernir sobre o que se faz, conhecer a técnica utilizada, compreender que se trata de um ato de partilha com a Humanidade e ter um senso de justiça em todos os seus aspectos. Exige, portanto, a sutileza de entender-se como integrante do mundo, sem superioridade ou inferioridade, mas como parte de um todo existencial.

Uma coordenação calculada da própria carreira permite uma busca que observe planando sobre o mundo da arte no sentido de escolher ações que levem para um lugar, que pode até ser uma plenitude do vazio, em que atos, reações, obras e erros sejam oportunidades de desenvolver os diversos usos da linguagem para uma criação poética e contemporânea.



"Série Clowns" (2003-2005), de Cindy Sherman (EUA)

Frutos da terra



Augusto Luitgards

PhD

Assuntar e fruir uma obra de arte pode nos demandar mais ou menos tempo, dependendo, além de nossos conhecimentos prévios sobre arte, da complexidade da obra em questão e de nossos propósitos. A pintura “Nossa árvore”, de Marinilda Boulay, inscreve-se, sem dúvidas, naquele grupo em que a apreciação nos pede mais vagar e que coloquemos nossos conhecimentos de estética da recepção, até os intuitivos, a serviço da interação com ela. Não é, definitivamente, obra para se dar uma olhadela, uma vista d’olhos. Falo daqueles que almejam uma análise qualificada e recompensadora.

Nessa obra, Marinilda registra, numa espécie de credo personalíssimo, a não-existência de preconceituosas e engessadas hierarquias elitistas para atestar

ou não beleza e relevância plásticas. Depreende-se dos elementos constitutivos do quadro que o belo e o relevante podem aflorar tanto na produção do artista reconhecido e incensado amplamente pelo mainstream quanto na do artista naif, que dispõe de poucos recursos formais para expressar o que lhe parece merecedor de ser compartilhado e capaz de promover encantamento.

É essa crença que permite à pintora dispor numa árvore referências que, em uma análise breve, poderiam parecer absolutamente díspares. Ressalte-se que a árvore não é um display de obras e artistas. Não consigo deixar de associá-la à mítica árvore da vida, cultuada, desde tempos imemoriais, por vários povos geograficamente afastados.

As raízes de sustentação da frondosa árvore anunciam a antropofagia, promotora do florescimento da brasilidade semeada por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral a partir dos cultivares das cidadinas vanguardas europeias. Não esqueçamos, porém, que também somos do mato como o pato e o leão (alô, alô, Gilberto Gil!). As bo-

necas hitxoko, do povo Carajá, consideradas as mais belas representações indígenas brasileiras da figura humana, explicitam a forte relação telúrica enraizada



no solo da Semana de Arte Moderna de 1922.

A ninfa etérea do tronco parece reger a circulação da seiva da brasilidade que nutre as várias flores e os frutos dispostos no corpo da árvore e no entorno dela. A propósito do rico vegetalismo, observemos que há o emprego de citação nas mudas oriundas do fértil pomar de Tarsila do Amaral. Como sabemos, esse recurso legítima a condensação e a recontextualização de elementos por meio da metalinguagem imagética, ou seja, o artista replica em sua obra elementos presentes na obra de outro artista e lhes atribui novo significado.

Marinilda Boulay, reverentemente, quando representa os frutos da árvore, preenche a copa dela, portanto a sua parte mais alta, com uma seleção de retratos de artistas naïfs brasileiros consagrados. Esses retratos, deliciosamente kitsch, nos remetem àquelas fotorpinturas do passado, em que fotografias preto e branco eram colorizadas, em tentativas, nem sempre bem sucedidas, de assemelhá-los às atuais fotografias coloridas. Nada mais popular, es-

pontâneo e tocante. Esses retratos, verdadeiros frutos suculentos, estão enraizados no solo de Henri Rousseau, artista francês cuja pintura ilumina as obras ditas naïfs, desde que ele foi considerado como tal.

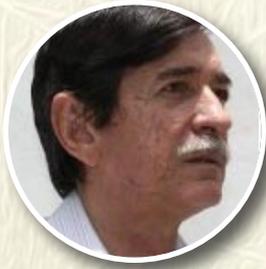


Obra "Nossa árvore" da artista Marinilda Boulay, apresentada na mostra "Naïfs, Modernistas, contemporâneos"

Cultivados em terrenos diferentes, a arte naïf e o Modernismo brasileiros compartilham a transgressividade, a irreverência e a determinação em bem aprofundar as raízes estéticas que magistralmente representam este país com nome de árvore. As duas estéticas compartilham, ainda, o caráter mestiço tal qual a nossa gente. Ainda bem.

No quadro-tributo, sim, eu escrevi a palavra tributo, pois é o que Marinilda presta à diversa e formidável arte brasileira, certamente a pintora não exauriu as possibilidades de representação de nossa arte. Acertadamente, ela fez uma seleção cuidadosa e oferece aos nossos olhos referências emblemáticas, que são verdadeiras polinizadoras das artes plásticas brasileiras. Somemos nosso olhar à apreciação desta obra singular.

Uma tela inacabada



Carlos Alberto Josuá Costa

Engenheiro Civil, Escritor e Membro da Academia Macaibense de Letras.

Na parede uma tela... Um barco (tipo canoa) ancorado sob uma árvore à margem de um rio qualquer. Um céu azul, poucas nuvens, um pássaro em pleno voo. Tudo isso em uma tela inacabada. Parte já com suas cores e parte rabiscado com grafite, davam a ideia do todo no qual o autor se debruçava com sua paleta e pincéis.

Prever as emoções que ali estavam poderia ser arriscado, pois sequer estava identificado o autor que, naquele momento, lançara sobre a tela a mistura de cores e sentimentos.

No museu do Vaticano existe uma tela inacabada intitulada 'São Jerônimo no Deserto', de Leonardo Da Vinci, que teria sido iniciada em torno do ano de 1483. Evidências predizem que essa tela foi abandonada pelo grande mestre Leonardo no estágio inicial para retomá-la mais tarde. Teria sido também essa a intenção do autor da nossa tela que aqui inspira esse texto?

Certamente ainda não temos uma pista que nos

favoreça a levantar algumas hipóteses e, muito menos, uma conclusão. Portanto, vamos adiante em busca de algum vestígio.

Opa! Surgiu um detalhe importante. No verso da tela havia uma espécie de carimbo que espelhava uma data indicativa de ser o ano da montagem da tela em branco: 1976. Ufa! Ainda bem que não precisaremos viajar e pesquisar arquivos secretos — ou não — para nos aproximarmos do autor, de seu propósito, ou, do possível abandono da tal obra.

Em que uma tela inacabada pode favorecer a uma reflexão sobre a vida?



Em Filipenses 1.6, Paulo disse aos moradores de Filipos: “Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”. Veja que o prazo de conclusão e entrega da obra será no dia da glorificação de Jesus Cristo e não o aprazado pela simples vontade do homem.

Ah, mas essa obra não é aquela que fazemos no dia a dia! Sim, não é. Mas nenhuma obra se

inicia ou termina se não formos firmes no propósito de a fazer e se não tivermos o dom e a habilidade que nos tenha sido permitida pelo Pai.

Ah, mas eu estudei para aprender. Sim, estudou. Até mesmo aprendeu com o esforço da prática e da persistência. Examine, porém, as tantas condições, mí-

timas, desgastantes ou mesmo as mais favoráveis, e verá que foi agraciado à melhor maneira que o Mestre encontrou, para tornar hábeis as suas mãos, a sua mente e a sua inteligência. Perceba que ao final de cada obra pronta, a primeira expressão que sai do coração e pronunciamos é: Graças a Deus.

Nós também somos obras inacabadas. Como tal, Deus, que iniciou Suas pinceladas e começou a utilizar o cinzel para nos modelar, ainda não terminou. Ele está continuamente construindo cada um de nós em busca do novo homem à Sua imagem e semelhança. E esse concluir evidentemente passa pela qualidade do “material” que Ele utiliza. Assim, cabe a nós colaborar, como pedra bruta, para que o ‘Artista da Vida’ faça uso da mão modeladora da santificação para esculpir, talhar ou mesmo pintar as nossas atitudes.

Mas não se apresse, o tempo de Deus não é contado pelo calendário. Mesmo que você não compreenda e não entenda, Ele não terminou a obra em sua vida. O tempo todo Ele escolhe o pincel mais adequado, a cor mais certa, para tornar você a obra perfeita. Ele quer que você seja uma referência para que outros encontrem em você Suas impressões divinas.

Permita a Deus que Ele, ao tempo em que faz de

você essa obra prima, possa também utilizá-lo como ferramenta, quiçá um pincel, para fazer de sua vida um colorir de ações construtivas do entendimento e do respeito pela diversidade de ‘pedras’ que também estão sendo buriladas.

Eu também sou uma tela inacabada, mas tendo a confiança de que Deus, todos os dias, olha para mim e com seu pincel vai ajustando a cor de cada detalhe da minha vida.

E a tal tela inacabada lá do início?

Descobri que o autor não a deixou assim para que daqui a cem anos ela estivesse valorizada, mas por pura inabilidade artística. Seus dons foram desviados para outras artes mais discretas.

Agora desvendando o segredo: A tela foi iniciada por mim. Foi uma tentativa de, nela, imprimir

sentimentos que afloraram em minha alma, mas Deus me disse: “Ei, preciso de você em outra tela”. Retruquei: Senhor!? E Dele ouvi: “Dotarei você de outras habilidades”. Então tá!

Por alguns anos, a tela do barco sob a árvore ficou exposta na parede do quarto de minha mãe (tinha que ser mãe), até que foi mofoando e estragando os arroubos de um artista anônimo até então.

Você também tem alguma obra inacabada?



110 anos de nascimento do *Rei do Baião*



Thiago Gonzaga

Doutorando em Literatura Comparada (UFRN), mestre em estudos da linguagem (UFRN) e especialista em literatura e cultura do RN (UFRN).

Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, que cantava acompanhado de sanfona, zabumba e triângulo, levou a cultura musical nordestina para todo o país. Várias das letras de suas músicas, descreviam a luta, as tristezas e injustiças sofridas pelo povo sertanejo.

Nasceu no dia 13 de dezembro de 1912, numa casa de barro batido na Fazenda Caiçara, povoado do Araripe, a 12 km da área urbana do município de Exu, extremo noroeste do estado de Pernambuco, a 610 km de Recife. Foi o segundo filho de Ana Batista de Jesus Gonzaga do Nascimento, conhecida na região por 'Mãe Santana', e oitavo de Januário José dos Santos do Nascimento.

A cidade de Exu fica no sopé da Serra do Araripe, e inspiraria uma de suas primeiras composições, "Pé de Serra". Seu pai trabalhava na roça, num latifúndio, e nas horas vagas tocava acordeão; também consertava o instrumento. Foi com ele que Luiz aprendeu a tocar. Muito jovem, já se apresentava em bailes, forrós e feiras, de início acompanhando seu pai. Autêntico representante da cultura nordestina, manteve-se fiel às suas origens

mesmo seguindo carreira musical no sudeste do Brasil. O gênero musical que o consagrou foi o baião. Canção emblemática de sua carreira, "Asa Branca", resultou de sua parceria com o advogado, político e compositor cearense Humberto Teixeira. Essa música foi um dos primeiros grandes sucessos nacionais de Luiz Gonzaga. O disco original, lançado pela RCA, no dia 3 de março de 1947. Segundo Gonzaga, a música nasceu como toada, com raízes folclóricas. A belíssima letra retrata o sofrimento do povo do Sertão do Nordeste brasileiro em face da seca que assola periodicamente a região. "Asa Branca" foi gravada por diversos cantores e instrumentistas entre eles, Dominginhos, Baden Powell, Caetano Veloso, Elis Regina, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Xangai, Zé Ramalho e Raul Seixas.

Em 1945, Luiz Gonzaga conheceu, em uma casa de shows da área central do Rio, uma cantora de coro e samba, chamada Odaléia Guedes dos Santos, conhecida por Léia. A moça estaria supostamente grávida ao conhecer



Luiz. Foram morar em uma casa alugada, e Luiz assumiu a paternidade do bebê, dando-lhe seu nome: Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, que acabaria também seguindo a carreira artística, tornando-se o cantor Gonzaguinha. A relação entre o casal era boa no início, mas depois começou a se desestabilizar e tornar-se conflituosa, levando Odaléia a sair de casa com o filho, com menos de dois anos de convivência. Luiz a buscou na pensão onde ela voltou a viver, e não aceitava que ela saísse de casa, mas depois decidiu deixá-la com o filho. Léia, então, voltou a trabalhar como dançarina e cantora, e criou o filho sozinha, mas Luiz a ajudava financeiramente e visitava o menino.

Em 1946, Luiz voltou pela primeira vez à sua cidade natal, Exu, e reencontrou seus pais, que havia anos não tinham notícias do filho. O reencontro com seu pai é narrado em sua composição “Respeita Januário”, em parceria com Humberto Teixeira. Ele ficou alguns meses vivendo com os pais e irmãos, mas voltou ao Rio de Janeiro.

Ao chegar ao Rio, ainda em 1946, conheceu a professora pernambucana Helena Cavalcanti, em um show que fez, e começaram a namorar. Ele queria uma secretária para cuidar de sua agenda de shows e de seu patrimônio financeiro, e antes de a pedir em namoro, convidou-a para ser sua secretária. Helena necessitava de um salário extra para ajudar os pais, já idosos, com quem ainda morava, e aceitou. Eles noivaram em 1947 e casaram-se em 1948, permanecendo juntos até o fim da vida de Luiz. Não tiveram filhos. Helena não conseguia engravidar e o casal adotou uma criança, uma menina recém-nascida, a quem batizaram de Rosa Cavalcanti Gonzaga

do Nascimento.

Ainda em 1947, a sua primeira companheira Léia morreu de tuberculose, quando seu filho Gonzaguinha tinha pouco mais de dois anos. Luiz queria levar o menino para morar com ele e pediu para Helena criá-lo como se fosse dela, mas ela não aceitou, assim como sua mãe Marieta. O casal na época ainda não havia adotado Rosa, e Helena queria uma filha, não um filho, e também não queria nenhuma ligação com o passado do marido; mandou que ele escolhesse: ou ela ou a criança. Luiz decidiu manter o casamento, e entregou Gonzaguinha para que fosse criado por seus compadres, os padrinhos de batismo da criança, Leopoldina, apelidada de Dina, e Henrique Xavier Pinheiro. Este casal, apesar de muito pobre, criou o menino com seus outros filhos no Morro de São Carlos. Luiz sempre visitava Gonzaguinha e o sustentava financeiramente. Xavier o considerava como a um filho e lhe ensinava a tocar viola. O menino também os considerava como seus pais.

Luiz Gonzaga morreu no dia 2 de agosto de 1989, vítima de parada cardiorrespiratória no Hospital Santa

Joana, na capital pernambucana. Seu corpo foi velado na Assembleia Legislativa de Pernambuco, em Recife e posteriormente sepultado em seu município natal.

Entre os seus grandes sucessos estão, além de “Asa Branca”, “Súplica Cearense”, “A Feira de Caruaru”, “No Meu pé de Serra”, “Assum Preto”, “Olha Pró Céu”, “Paraíba”, “Cintura Fina”, “Riacho do Navio”, “Xote das Meninas”, “Pagode Russo”, “ABC do Sertão”, alguns destes em parceria com o médico e compositor pernambucano Zé Dantas.



Os sonhos do príncipe sueno



Iaperi Araujo

Médico, escritor e artista. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Sociedade de Amigos da Pinacoteca (RN)

Iapони nasceu na cidade de São Vicente na região do Seridó do Rio Grande do Norte. Ainda não era cidade, mas um Distrito do município de Flores que começou nas margens do riacho da Luiza sob as frondes de uma grande quixabeira e cresceu subindo o monte áreo, onde antes de alcançar o topo o proprietário das terras, Joaquim Adelino de Medeiros, mandou construir uma igreja dedicada a São Francisco como agradecimento pela cura de sua esposa de uma doença lá nela.

As casas do lugar, mesmo já terminada a capela, continuaram a subir o monte e as casas primitivas lá embaixo, ficaram com o lugar que passou a ser chamado de rua velha ou ribeira.

Numa casa bem lá em cima desse contraforte da serra da senhora Santana, à direita de quem olha pra igreja nova dedicada a São Vicente Ferrer, vizinho ao Grupo Escolar Valle de Miranda, casa do seu pai Quincas (Joaquim Araújo Filho) nasceu em 12 de dezembro de 1942, Iapони, o segundo filho homem do seu casamento com a professora



Iapони Araujo

Milka.

Iapонan(+), o primogênito, nascera em 1936. Seguiram-se a ele, a cada ano, Iapонira, Iar e, Iapонisa.

Depois, ainda a cada dois anos, Iapони, Igara (+) Iaperi e Irani. Irani, Iramar e Italo, os três últimos nasceram com intervalo de três anos.

Iapони, como todo menino do sertão foi criado num ambiente familiar com uma educação rígida e disciplinadora. Hora de estudar, estudar. Hora de brincar, brincar.

Como os outros 11 irmãos, Iapони era muito criativo. Sabia aproveitar os objetos sem uso ou as sobras dos artesãos para construir o seu mundo fabuloso e mágico dos brinquedos dos meninos do sertão. Um pedaço de madeira ele entalhava como uma cabeça de animal ou um rústico e bem esculpido objeto de brinquedo.

Estudou, como todos os outros irmãos, as primeiras letras com nossa mãe Milka. Depois já em Currais Novos foi estudar no Grupo Escolar Capitão Mor Galvão, para onde nos mudamos no começo da década de 50.



Vovó Marcionila caminhando na Rua Senador João Camara. A igreja matriz, lá atrás ainda não fora reformada pelo seu filho, meu pai Quincas

Como nossa mãe preocupava-se muito com nossa educação e por sermos muito criativos e na sua ausência fazíamos inúmeras traquinagens, mamãe nos colocou no segundo turno do dia numa escola particular. As professoras eram Creuza e Crindélia, duas irmãs que moravam na rua da Cadeia, aliás a mesma que nós morávamos, mas um pouco acima, mais próximo da praça Cristo Rei entre a casa do dr. Thomaz Salustino e a mansão do seu filho dr. Silvio Bezerra.

Nossas professoras particulares eram deficientes físicas, mas Creuza tinha mais limitações físicas e usava cadeira de rodas. Sofreram muito nas nossas mãos, pelas tantas danações e traquinagens que a gente tramava. Elas usavam palmatória de madeira para castigar alunos e discipliná-los. Nos informaram que furando um buraquinho na palmatória e colocando dentro um piolho vivo, sendo fechado o buraco com um pouco de cera de abelha, ao ser usada como castigo, a palmatória se esfacelaria. Foi uma trabalhadeira conseguir da filha de uma vizinha um piolho, mas instalamos a armadilha e na primeira oportunidade nas mãos de não sei quem a arma do castigo se esfarelou e nunca mais foi substituída.

Eu, cursava duas séries no mesmo ano. Pela manhã a terceira série e à tarde na escola particular a quarta série. Lembro-me muito do inusitado. No final do ano eu passei da terceira para a quarta série “simplesmente” e da quarta para a quinta, “plenamente”.

Em Currais Novos nasceram Irani e Iramar e por volta de 1955,



Arrumados para uma foto em floranea, começando da esquerda, ilka, iaponan, iaponira, iara, iaponisa no final do primeiro declive, seguindo a fila para a esquerda: laponi, Igara e laperi. Na extrema direita, o caçula iran em 1949

mamãe resolveu se mudar para Natal, pois Iaponan meu irmão mais velho já seguira antes, morando na Casa do Estudante e cursando o ginásio no Ateneu.

Mesmo a contragosto papai veio com a gente para Natal. Fechou sua loja de tecidos em Currais Novos e comprou duas granjas aqui, sendo uma em Parnamirim e outra na região que compreende atualmente Nova Parnamirim, entre as ruas Abel Cabral e Maria Lacerda, na época uma área deserta com apenas algumas granjas.

A família se instalou num sobradinho de esquina da rua Potengi com a Afonso Pena, diante do Estádio do ABC, já denominado Maria Lamas Farche. Casa alugada a Jair Vilar.

Semanalmente, papai ia de Natal para São Vicente fiscalizar o funcionamento das fazendas e trazer a feira de carne de sol, açúcar, feijão, arroz, tudo em sacos de 60 quilos e legumes. Batatas e jerimum e frutas, melão, melancia e coco seco. Das granjas de Natal a gente colhia macaxeira, bananas, cana-de-açúcar, sapotis, mangabas e verduras verdes.

De repente chegaram a Natal uns imigrantes japoneses e foram instalados numa colônia do vale do rio Pium em Parnamirim.

Impressionante como a Colônia do Pium, mudara os hábitos do natalense. Os japoneses introduziram a cultura dos vales úmidos com produção de flores tropicais e muitas frutas. Melões, bananas, mamões. Tudo geneticamente selecionado para maior produtividade e sabor. Era uma viagem gostosa que a gente



Mamãe Milka e papai Quincas, numa foto em Floranea, provavelmente em 1949, pois Irani não tinha ainda nascido e a gente estava se mudando para currais novos

fazia na carroceria da camioneta de papai para comprar frutas e flores na colônia japonesa. Aprendemos a valorizar as flores da paquevira e as folhas das samambaias que eles vendiam nas bancas do mercado da Cidade Alta.

Isso influenciou muito a nossa vivencia com o habitat tropical, a natureza da nossa terra e de quebra os costumes de nossa gente.

Habitados a vidinha pacata da cidade de Currais Novos, a vida em Natal para nós, foi um deslumbramento. Primeiro, passamos a morar em um sobrado em plena Petrópolis, urbanizada com uma pista de asfalto na rua Potengi, em frente da nossa casa onde pela manhã cedo passavam os ônibus gigantes em cor azul escura da Base Aérea de Natal, chamados papa-filas, tal dimensão, recolhendo os militares que moravam em Natal, para o serviço na Base. Todo o trajeto, da praça Pedro Velho até Parnamirim era asfaltado desde a II Guerra Mundial, obra dos engenheiros americanos que haviam transformado os campos do Pitimbu na Parnamirim Fields, o trampolim da vitória das forças aliadas contra os inimigos do Eixo. Sobrado era coisa desconhecida para nós. No máximo um sótão, lugar tenebroso das casas antigas, espécie de água-furtada onde se guardavam tralhas velhas e em desuso e que a gente usava para brincadeiras de esconde-esconde.

Natal nos despertava com o cheiro intenso dos fogões de lenha e de carvão onde era preparado o café. Às vezes, vinha do nascente onde o mar arrebatava suas ondas nas praias do Meio e Areia Preta, um cheiro intenso de sargaço. Cheiro de mar que a gente, vinda do interior, desconhecia. Era apenas um cheiro estranho e pras nossas superstições



O trem da base. Papa-fila que trazia os militares da base aérea e passava diariamente pela Rua Potengi, asfaltada pelos americanos

e medos era mais parecido com o cheiro do enxofre, o que nos remetia a coisa do diabo. A avenida Afonso Pena lateral da nossa casa era toda de barro. No cruzamento com a rua Potengi, era coberta com a pista de asfalto que vinha da Base Aérea pela Hermes da Fonseca e fazia curva no começo da Potengi. Era a chamada “curva da pista”. O barro vermelho da avenida Afonso Pena era nosso parque de brincadeiras. Construção de túneis e abrigos, Quebra-canelas para

surpreender os distraídos. Na época de chuva formavam-se grandes lagoas onde as noites os sapos faziam serenata, com o papo cheio de vento. Pela manhã a gente se vingava, caçando-os com baladeiras.

Um tempo, acho que no comecinho dos anos 60, foi iniciado o trabalho de saneamento da avenida Afonso Pena. Grandes valas, grandes manilhas. A tudo a gente assistia e dava pitaco e quando os operários encerravam o expediente era a vez da gente brincar de construtores, mexendo em tudo que fora feito durante o dia.

Por essa época também, o Conselho do ABC resolveu vender parte do terreno que chegava até o Ateneu para construir sua sede. A parte esportiva foi deslocada para o Morro Branco.

A sede do ABC fora construída para rivalizar com a sede do América na avenida Rodrigues Alves, chamada de “Babilônia”, tal sua grandiosidade e ostentação. Amplos salões envidraçados, camarotes no mezanino, anexo privativo para jogo de cartas, parque esportivo com piscinas e área de lazer.

Acompanhamos a construção da sede do ABC passo a passo. Vimos a modificação do velho



Sede social do abc na rua potengi, defronte de nossa casa

campo de futebol que ia se transformando numa sede moderna no estilo” funcional” tão característico da época. Brincávamos na construção, correndo sobre os muros e dando cambalhotas aéreas das partes mais altas da construção sobre montes de areia.

Isso tudo era feito às escondidas de mamãe. Ela era muito rigorosa na educação dos filhos. Para brincar tinha que ser na quadra de nossa casa. Nada de se aventurar para muito longe. Esse negócio de ir estudar e dormir na casa de um colega não tinha não. Eles que viessem estudar lá em casa. As artimanhas de menino na obra em construção da sede do ABC aconteciam no período em que ela estava trabalhando como professora do Jardim de Infância Modelo, anexo do Grupo Escolar Modelo, na avenida Prudente de Moraes, esquina com a Trairi na praça Pedro Velho. Hoje a Escola Estadual Anísio Teixeira. O Jardim de Infância em que ela ensinou gerações não existe mais. Somente o prédio com suas arcadas, agora integrado como sala de aulas a Escola. Pena.

Mesmo morando muito perto da praia, pois bastava andar um quarteirão atingiríamos a rua Dionísio Filgueira que terminava no alto da avenida Getúlio Vargas de onde se descortinava o mar, as recomendações de mamãe eram muito rígidas. “Praia só acompanhados de adultos e nos finais de semana”

No mais, a vida ia seguindo lenta e tranquila. Escola, brincadeiras da praça Pedro Velho ou as matinés nos cinemas Rex, Nordeste e Rio Grande.

Eu estudava no Colégio 7 de setembro na rua Seridó e Iaponi já estudava no Marista numa turma que tinha Garibaldi Filho, Ney Lopes, José Agripino, Alex Nascimento e outros. O colégio Marista era particular e uma grande parte dos alunos estudava com bolsa do Ministério da Educação que exigia a nota mínima de 7,0 para conservar a ajuda oficial.

Por volta de 1960 nos mudamos pra rua Açú com a compra por papai da casa de número 430 vizinho a Luís Cirne de um lado e dr. José Cavalcanti do outro. Por ser mais próximo de casa, mudei-me para o Marista. Não sei quanto tempo eu e Iaponi continuamos juntos no mesmo Colégio. Cheguei lá no 3º ginasial e talvez em 1963, Iaponi por haver concluído o ginásio, transferiu-se pro Atheneu. Nessa época foi trabalhar na Prefeitura de Natal no Departamento de Divulgação e Cultura da Secretaria Municipal de Educação, comandado por Mailde Pinto. Nesse seu trabalho convivía com os autos e grupos de cultura popular, artistas do povo, violeiros, sanfoneiros, brincantes e rabequeiros. Participava do movimento de popularização da cultura com Feira de Livros, recitais de poesias e organização de exposições de artes plásticas.

Terminei o curso científico no Marista em 1963. Já fazia o pré-vestibular com o professor Joel Dantas em caráter particular e trabalhava desde 1962 como estagiário de menor na redação do Diário de Natal.

Iaponi terminou o científico no Atheneu, mas como já trabalhava na Prefeitura, foi deixando o tempo passar e não se decidiu a fazer um curso superior. De sua convivência com os artistas eruditos como Newton Navarro, Thomé e Dorian Gray e os populares Zé Menininho, sanfoneiro, Xico Santeiro e Luzia Dantas, foi tomando gosto pelas artes e começou a pintar. De início, com um estilo próprio, meio expressionista com um viés surrealista utilizando tinta a óleo sobre tela. Depois, foi direcionando sua criatividade para o registro dos autos populares com quem convivía na pessoa dos mestres e brincantes, até que conheceu o professor e crítico de Artes Carlos Cavalcanti que lhe deu seu estímulo para continuar como naife, assegurando-lhe seu apoio no Rio de Janeiro, caso se mudasse para lá.



Casa de Dr. Machado na Rua Açú, 419

IAPONI ENCONTRANDO AS FESTAS POPULARES

Não sei como Iaponi chegou ao Departamento de Documentação e Cultura da Secretaria Municipal de Educação para trabalhar como assessor cultural. O Secretário era o professor Moacir de Góes, um educador envolvido no processo de educação popular que seguia a linha dos Centros Populares de Cultura da União Nacional de Estudantes e do método Paulo Freire que o Estado pelo Governador Aluisio Alves adotara numa ampla campanha de combate ao analfabetismo que envolvia as forças de esquerda, mas financiado pela Aliança para o Progresso do Governo americano através da USAID.

Moacir de Góes, junto com seus técnicos adotara um método similar ao do educador Paulo Freire que denominaram “De pé no chão também se aprende a ler” com salas de aulas improvisadas em acampamentos espalhados pela periferia de Natal e nos bolsões de miséria da capital do Estado. O forte do programa era a utilização da cultura popular como mobilização da comunidade e o de palavras do cotidiano dessa gente para a alfabetização. A conscientização política e dos princípios de cidadania era um forte componente do projeto e provavelmente por conta disso foi alvo de inquéritos e perseguição por parte dos governos militares.

O fortalecimento da cultura popular tinha como base o Departamento de Documentação e Cultura da Secretaria Municipal de Educação, dirigido pela professora Mailde Pinto que identificava os grupos folclóricos, registrava, apoiava com recursos para indumentárias e exibições e promovia o registro dessas manifestações.

Sua equipe era integrada por Newton Navarro, Paulo

de Tarso Correia de Melo, Nisia Bezerra e Iaponi Araújo. Era também de responsabilidade do DDC a Galeria de Artes e a Concha acústica da Praça André de Albuquerque, onde eram realizadas encenações teatrais, jograis poéticos e exposições de arte e as praças de cultura com barracas de livros e de obras de artes, lançamentos de livros, apresentações de cantores e jograis de poesias. Todas essas atividades tinham um cunho político muito forte como se fazia a reboque dos CPCs da UNE, tão em voga nos anos 1963 e 1964.

Essa convivência de Iaponi com os grupos folclóricos, os contatos com os velhos mestres da sabedoria popular, fizeram uma revolução em sua produção artística.

Já pintava desde o princípio dos anos 60, uma arte meio futurista ainda em busca de um rumo. Sua primeira exposição foi uma coletiva em outubro de 1963, ilustrando uma poesia numa exposição de Poesia Ilustrada organizada pelo Departamento em que trabalhava. Por essa época, esteve em Natal, a convite da Reitoria da UFRN o professor e Crítico de Artes Carlos Cavalcanti para ministrar um curso de História e Crítica de Artes. E foi por essa época que Carlos Cavalcanti conheceu a obra incipiente de Iaponi mas já demonstrando im-

pressionante criatividade.

O professor indicou a ele os caminhos a seguir com sua arte. O registro quase documental das manifestações da cultura popular, naquele tempo muito ricas e preservadas pelo incentivo do folclorista Luis da Câmara Cascudo e o apoio do Prefeito Djalma Maranhão que via na riqueza do folclore uma forma de popularizar sua administração, integrando a cultura popular às ações de cidadania, inclusive alfabetização, conscientização dos direitos humanos, incentivo à leitura com as bibliotecas populares nos bairros e as praças de cultura com exposições de artes plásticas, jograis de poesias, lançamento



Boi Calemba de Parnamirim

de livros e exposições do folclore que além do financiamento, recebiam anualmente vestimentas novas para se apresentarem nos palanques armados nas ruas da cidade. O público era sempre numeroso. Natal não tinha canal de televisão e tirando os cinemas não havia outra forma de divertimento e o Prefeito, inteligentemente, conscientizava o povo do valor de sua cultura com as festas de rua.

MORANDO NO RIO

No final da década de 60 Iaponi foi morar no Rio de Janeiro. Sua irmã Iaponira casara-se com Raymundo Pessoa Martins, um piauiense filho do dr. Helvidio Martins que fôra adido comercial do Brasil na Alemanha. Raymundo era advogado e trabalhava com grandes bancos e empresas de financiamentos para a indústria e o comércio. Moravam em Botafogo, na rua Assunção, 40 onde Iaponi foi morar temporariamente. Em 1965 realizou sua primeira exposição no Rio, uma individual na Galeria Vila Rica onde conheceu diversos e grandes nomes da pintura brasileira, sempre sob a proteção do professor Carlos Cavalcanti que vendo nele um talento para a arte naif, se comprometeu e cumpriu apresentá-lo aos críticos e a comunidade artística do Rio de Janeiro.

Sua primeira exposição individual na Galeria Vila Rica lhe valeu resenhas elogiosas nos principais jornais e foi saudado como uma revelação na pintura brasileira.

Como resolvera fixar residência no Rio, anos depois mudou-se para a Glória, indo morar num apartamento na rua Candido Mendes onde montou seu atelier. Ao mesmo tempo se inscrevia e participava dos Salões Nacionais de Arte Moderna na Escola Nacional de Belas Artes, patrocinados pelo MEC em 1964 e já no ano seguinte, obteve isenção do Juri

que lhe permitia participar dos Salões sem submeter-se a uma avaliação crítica do Juri de seleção. Depois, foi premiado com uma bolsa de artes por dois anos em Londres. O Brasil dominado por um Governo militar, entrara num esquema de perseguição política, tortura dos adversários e mortes. Alguns preferiram o exílio. Se ficassem morriam. Iaponi morou dois anos em Londres e de vez em quando encontrava com artistas que preferiam morar na capital inglesa a sofrer perseguições. Realizou exposições em vários países da Europa. Portugal, Londres, Espanha, Alemanha, França e Itália. Começou a usar a tinta acrílica para tela e foi evoluindo tecnicamente.

Sua inspiração nos motivos populares – entretanto – não se modificou. Ganhou uma sofisticação, praticamente abandonando a pintura baseada na arte do povo, frontalizada e desproporcional. Voltou ao Rio e ainda por alguns anos pintou telas e realizou exposições.

Admirador das antiguidades, abriu a loja MILKA – Artes e antiguidades no Ipanema Shopping e aos poucos foi deixando de pintar para se dedicar ao comércio de artes. Voltou ainda algumas vezes a Natal. Todos os anos, eu tirava férias em

Julho e passava uns dias com ele e depois com meu irmão Iaponan em Florianópolis. Em 1994, nossa Irmã Iaponisa que passara um mês com a filha que morava na Suíça, voltou ao Rio e encontrou-o em coma no seu apartamento numa sexta-feira. Providenciou seu internamento num hospital. Dois dias depois, num domingo, morreria. Acidente Vascular cerebral. Um sócio dele na Galeria de Ipanema, com a ajuda de um advogado, conseguiu na justiça todo seu acervo, inclusive móveis e utensílios do seu apartamento e as obras de artes que estavam no apartamento de minha irmã que ele dera.

Ainda repousa no Rio de Janeiro no Cemitério São João. Que descanse em paz, lá.



A Donzela Teodora (0,50 X 0,6)

Emily Dickinson **Vida e obra parte 1**



Adriano Caldas

Artista gráfico e escritor,
mestre em ciências
sociais pela UFRN

Morri pela Beleza, mas na tumba
Mal me tinha acomodado
Quando outro, que morreu pela Verdade,
Puseram na tumba ao lado.
Baixinho perguntou por que eu morrera.
Repliquei, “Pela Beleza” —
“E eu, pela Verdade” — ambas a mesma —
E nós, irmãos com certeza.
Como parentes que pernoitam juntos,
De um quarto a outro conversamos
—
Até que o musgo alcançou nossos lábios
E encobriu os nossos nomes.

(Tradução de Aíla de Oliveira Gomes)



Viver e morrer pela beleza! Ah! Poeta que mistério sagrado! Ser livre em seus próprios termos. Fugir das convenções dos homens, tão distantes da realidade do ser sensível. Ser pássaro e abismo, voo de brisa leve em meio ao caos de uma mente que pulsa e queima. Sim, estamos mesmo presos entre jazigos, entre a verdade e a beleza. Somos irmãos de espírito. Nosso corpo perece, mas nossa alma é imortal, a sua transcende seu tempo e invade os anos, subvertendo através dos seus versos os preconceitos e trazendo um pouco de acolhimento aos que ousam ainda nestes tempos de hoje ser e pensar com liberdade. Que a beleza seja antes de tudo a nossa eterna verdade.

A dama de Amherst

Emily Dickinson nasceu em Amherst, pequena cidade rural no interior de Massachusetts em 10 de dezembro do ano de 1830, falecendo em 15 de maio de 1886. Vinda de uma família de religiosos puritanos, sua mãe igualmente chamava-se Emily, seu pai Edward Dickinson foi um advogado proeminente na cidade. Emily tinha mais dois irmãos, Lavínia e Austin.

Além da família e parentes próximos o círculo social de Emily Dickinson incluía poucos amigos, restritos ao campo das correspondências literárias como a família Bowles, proprietária do jornal Springfield Republican, Thomas Higginson e Helen Hunt Jackson autora de uma antologia que chegou a publicar um poema de Emily. Vale acrescentar nesta lista a sua amiga de infância Susan Gilbert que posteriormente veio a casar com seu irmão Austin e ser sua cunhada, principal leitora e amada confiante. Este pequeno círculo de amizades foi no decorrer dos anos tornando-se cada vez menor, seja pelas decepções vividas ou pela sua própria decisão de mergulhar no seu universo único, chegando ao ponto da poeta se fechar de vez na reclusão. A sua vida acadêmica se inicia no Amherst Aca-



demy e posteriormente no Mount Holyoke Female Seminary, contudo considerou sua verdadeira formação literária a biblioteca da sua família em Amherst, onde consolidou seu profundo conhecimento na língua inglesa.

Espiritualidade e ativismo

Por influência da família, Emily chega a frequentar a First Church of Christ, uma igreja de orientação calvinista quando criança apesar de nunca vir a se tornar membro regular. Seu espírito crítico e desejo de liberdade intelectual, no entanto, a conduz a novas percepções espirituais, deixando os ofícios religiosos aos poucos até o ano de 1850, momento em que decide se afastar da ortodoxia religiosa puritana e incorporar uma filosofia mística própria e inovadora, como visto no poema "I never lost as much but twice", do qual fica evidente esse processo de ruptura:

Duas vezes tudo perdi
Em meio a relva e os torrões;
Duas vezes parei mendiga
Senhor Deus, ante teus portões.

Duas vezes desceram anjos
Com uma nova provisão.
Mais uma vez estou pobre!
Oh, pai, banqueiro, ladrão!

(Tradução de Idelma Ribeiro de



Faria)

Neste poema Emily lida com temas recorrentes do seu universo poético como amor e a perda. A perda de entes queridos tanto no passado quanto no presente, "Duas vezes tudo perdi" e critica Deus pela sua cruel indiferença aos fatos trágicos da sua vida. Se os anjos a proveram de novas graças e felicidades, foi somente para mais tarde perder tudo uma vez mais. Desta forma, na percepção da autora Deus se afasta da posição de pai amoroso e se mostra insensível às carências humanas, "Oh, pai, banqueiro, ladrão!". Ao se referir aos aspectos metafísicos da poesia de Emily Dickinson Augusto de Campos assinala: "Cruzam-se em sua poesia os traços de um panteísmo espiritualizado, de uma solidão-solitude, ora serena ora desesperada, e de uma visão abismal do



universo e do ser humano. Micro e macrocosmo compactados em aforismos poéticos".

Foi em 1862 que Emily decide enviar alguns poemas a uma figura que posteriormente se tornaria um grande amigo e divulgador da sua obra póstuma, o poeta e ensaísta Thomas Higginson. Como editor, contudo, recusou-se a publicar seus poemas da forma original em que estavam aconselhando-a a fazer correções formais na métrica e rima, o que Emily de pronto negou. A necessidade de manter a sua integridade intelectual e o próprio sentido da sua existência que se traduzia na sua vida poética a conduziu a recusa de ter seus poemas "corrigidos" por Thomas Higginson ou qualquer outro editor, para serem publicados.

Filosofia e linguagem

Não sou Ninguém! Quem é você?

Ninguém — Também?

Então somos um par?

Não conte! Podem espalhar!

Que triste — ser— Alguém!

Que pública — a Fama —

Dizer seu nome — como a Rã —

Para as almas da Lama!

(Tradução de Augusto de Campos)

Em seus signos e reflexões Emily Dickinson propõe não uma exaltação do ego: " eu não sou ninguém", mas sim a superação das dores e frustrações humanas por uma concepção ideal de vida: "morri pela beleza", que



permita mitigar seus efeitos. A vida com este propósito passa a fazer sentido: "não viverei em vão", mesmo a um custo deliberadamente pensado e alto. Fazia parte deste sacerdócio da qual prontamente se incluiu o de revelar caminhos, de formar novos horizontes através dos seus versos criando uma nova gramática para a língua inglesa.

Não viverei em vão, se puder
Salvar de partir-se um coração,
Se eu puder aliviar uma vida
Sofrida, ou abrandar uma dor,
Ou ajudar exangue passarinho
A subir de novo ao ninho —
Não viverei em vão.

(Tradução de Aíla de Oliveira Gomes)

Com o passar dos anos a poeta passa a possuir um claro entendimento da força e largueza da sua poesia, da importância dos temas tratados, dos ritmos e da sua linguagem inovadora, na métrica, no ritmo e na forma. Mesmo reclusa, mesmo tendo seus poemas recusados por não a compreender ou pior, temê-la por sua força libertária, Emily Dickinson sabia no seu íntimo que o que fazia era necessário, sabia que a criação muda o mundo e o sentido da realidade. Sua poesia deixou frutos que ecoaram fortemente no futuro, influenciou todo o movimento modernista, tornando-se uma das poetisas mais traduzidas e reverenciadas no mundo de hoje.



TURISMO*economia, lazer e cultura**Caius Marcellus*

Turismólogo e Guia de Turismo Nacional/ Regional e Mercosul
Consultor em Turismo

A identidade de uma região depende de elementos significativos que registram sua capacidade de fomentar e transformar a ideia de criação, colocando em prática e obtendo resultados que possibilitem a circulação de renda em prol do desenvolvimento econômico local, regional ou nacional.

Com a criação dos 5 polos turísticos: 1) costa das dunas, 2) costa branca, 3) Seridó, 4) serrano, 5) agreste traíri. A secretaria de turismo do RN mapeou e identificou cada destino com seu potencial voltado a indústria turística, facilitando ferramentas de apresentação e Marketing direcionada a cada polo,

agregando valores que envolvem os demais municípios do estado. Isso despertou no norte rio grandense e no turista de outros estados a vontade de conhecer mais o Rio Grande do Norte. Atingindo a nova demanda que se aponta com interesse, o eslogan de sol e mar que já é uma realidade devido a generosidade da própria natureza com o RN, começa

a ganhar novas perspectivas de nixos que nos possibilita desbravar e trasladando pessoas de diferentes naturezas aos encantos que a terra do potiguaras e tapuios tem a oferecer, trabalhando com equipamentos e pessoas que buscam a qualificação profissional através de órgãos responsáveis para deixar preparado não só o municipio que através de suas prefeituras necessitam de total apoio na conduta de desenvolvimento sustentável.

A ideia se fortalece na atual leitura contemporânea da exploração lúdica, que através de pontuações precisas de





elementos que facilitem a interpretação e encham o imaginário de diferentes classes sociais e nos transportam a uma nova perspectiva do desenvolvimento da ou das ideias de criar, utilizando meios da nossa história escrita e oral e povoando a transdisciplinaridade do saber. Contextualizar a narrativa na permissão de se fazer participativo e criando novas possibilidades de educação, cultura e lazer.

O turismo é uma ferramenta fundamental na arte da economia e cultura e propõe de forma equilibrada na qual as pesquisas de capacidade de carga para determinados destinos, se façam viáveis ao plano diretor na qual se acredita. Trabalhar a educação em todos os aspectos é trabalhar o futuro com meio de transformação social com resultados surpreendentes.

Mergulhando na linha da pesquisa

popular, o projeto visa apresentar a criação caricata de um personagem já existente e consolidado no turismo, com identidade própria na apresentação de seus destinos. Materializar esse personagem é um desafio que comunga com ideia de se permitir quebrar paradigmas e entender que existe um universo de possibilidades apresentadas pelo turismo. Pensar alto na intenção de obter resultados práticos, comercializar o destino, trabalhar a demanda, reformular o pensamento de transformação, abrir portas com treinamentos e equipamentos necessários, fomentar o marketing e transformar o destino. Engajar parcerias de ordem pública e privada facilitando acesso que possibilitem resultados de projetos que somem.

Por fim, permitir acesso a toda população com interesse de agente transformador e propagador de marketing, contribuindo assim com o crescimento da região e consolidando o destino.

“
O turismo é uma
ferramenta
fundamental na
arte da economia
e cultura
”



SABERES MÚLTIPLOS

Um resgate ao diálogo humano



Socorro Evangelista

Artista plástica

Pensar em um mundo religado ao tempo, espaço, caminhos imaginários, certezas/ incertezas, um universo de mundos, criatividade, sensibilidades, crenças/ descrenças, fé, esperança. Pensar na complexidade da religação dos saberes científicos/ popular.

Mundo de humanidades complexas.

Hoje diante da tecnologia avançada, quase não há tempo para afetividade; tempo para a família.

Busca-se experiência e saberes dos nossos ancestrais; ensinando e aprendendo com a natureza os astros, o meio ambiente coletivo animal.

São tantas leituras aprendidas nas páginas da oralidade.

Ouvimos dos nossos pais e avós depoimentos saudosos: “no

meu tempo o mundo era diferente, havia mais verde, mais flores, mais pássaros, borboletas, mais cores, alegria...mais entusiasmo, mais obediência.

As festas tradicionais religiosas e populares eram fonte de inspiração e união. Brincadeiras populares, histórias de trancoso, músicas, hinos e canções, poesia entre outras expressões da arte e práticas culturais.

Havia uma unidade: família, parentes e amigos.

A escola fazia parte das calçadas, praças, coreto, igrejas. Podíamos respirar sossego e simplicidade com raros costumes.

Hoje, somos consumidos pelo processo acelerado da modernidade. O marketing do capital nos distancia cada vez mais do diálogo da afetividade.

O homem é objeto de consumo, ambição, vaidade, competição. Segundo Pierre Lévy que diz:

“O século XX foi o da descoberta da expansão do universo e deste mergulho nas profundezas do tempo e do espaço nasceu a cosmologia moderna”.

“Será o século XXI o da descoberta “terras” portadoras de vidas e de que formas de vida”?



Socorro Evangelista: Lampeão – Acrílico 80 x 80



Socorro Evangelista:
Reis Magos - Acrílico técnica mista 80 x50

“
É preciso urgente
darmos as mãos na
criação de uma
escola livre e
comprometida com
a vida”



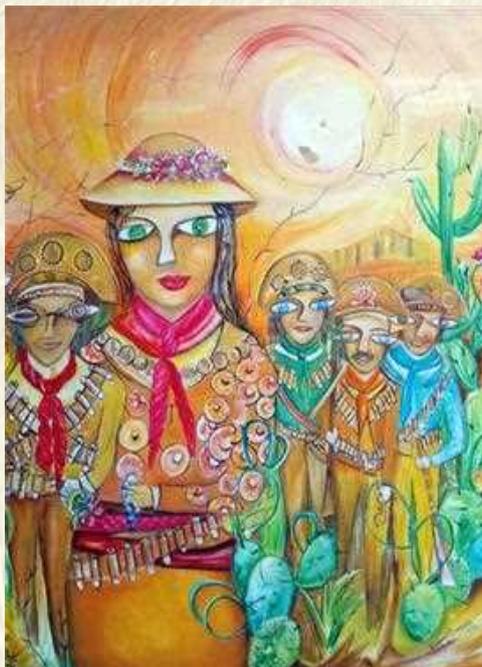
Socorro Evangelista:
Bananeiras ao Luar - Acrílica 80 x 60

É preciso buscar programas renovadores a cada metro quadrado, multiplicar o abraço o sorriso a unidade familiar.

Sentimos a necessidade de uma “Escola” de diálogo, mansidão. Uma escola fundamentada nas práticas educativas do escotismo criada por Baden Power “caminhos para o sucesso”.

Hoje vivemos mais distantes, mais isolados, dependentes dos aparelhos digitais. Vivemos no universo da tecnologia, da ambição, da mesquinhos e da intolerância, a vaidade social, o poder, a glória.

É preciso criar uma educação cooperativista, sem



Socorro Evangelista: Maria Bonita - Acrílicos tela 80 x 80

mãos na criação de uma escola livre e comprometida com a vida, no cotidiano valorizando arte, cultura, lazer em busca da paz.

guerra, sem violência e pronta para o desenvolvimento social.

“Os desafios das crianças e adolescentes podem ser atribuídos em grande parte a essa falta, à carência de exemplos e de líderes com autoridade moral em sua vida cotidiana”.

“Às vezes parece que os pais não sabem que lugar ocupar na família e como educar os filhos”...

Papa Francisco

É preciso urgente darmos as



Quem pode canta, quem não pode dança



¹ *Gilmara Benevides Damasceno*

Doutora em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



² *Cláudio Antônio S. Damasceno*

Mestrando em Educação Profissional Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Dentre as fábulas atribuídas a Esopo (620-562), recontadas posteriormente pelo poeta francês Jean de La Fontaine (1621-1695), a história “A Cigarra e a Formiga” é uma das mais populares, sendo que a tradução em língua portuguesa troca o gafanhoto pela cigarra. Na fábula encontram-se duas personagens com visões de mundo antagônicas que debatem brevemente sobre os resultados do trabalho duro em oposição a gozar os prazeres da vida: as formigas e a cigarra, ao final da história cada um desses insetos colhe o resultado imediato ou precavido de suas concepções.



A Cigarra e a Formiga: tricurioso.com

Uma cigarra tem uma vida relativamente longa para um inseto (15 anos) quando protegidos debaixo do solo, depois que sobem à superfície em pleno verão

e passam por metamorfose, os machos não passam de um mês. A formiga comum vive um ano inteiro (12 meses), de modo que ela alcança a mudança de esta-

¹ Doutora em Direito, historiadora e pesquisadora dos Direitos Culturais.

² Mestrando em Educação Profissional Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em educação pela Universidade Potiguar (UnP). Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Instituto Federal

ções, desse modo a metáfora utilizada por Esopo não podia ser melhor empregada.

Cientes disso, agora podemos perceber porque ambas possuem motivações diferentes em relação às suas existências. A motivação das formigas as leva a estocar comida sem parar, para alimentar as próximas formigas, a da cigarra leva-a a cantar o mais alto possível durante horas para atrair uma parceira, copular para manter a espécie e depois morrer.

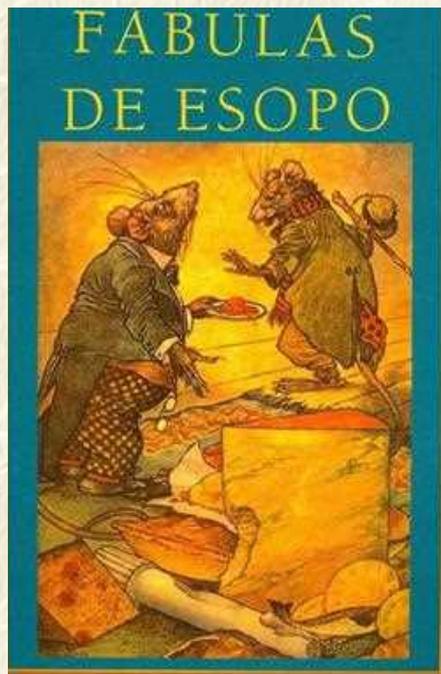
Na fábula original de Esopo não há referências à cigarra tocando um instrumento, é La Fontaine que traz a cigarra que toca violino, por isso a associação dela com os artistas. La Fontaine mesmo foi um mecenas, dedicou-se à caridade e o auxílio a artistas pobres. Nos diálogos entre as formigas e a cigarra há uma intolerância velada que reside no embate entre dois pontos de vista aparentemente incompatíveis: a objetividade das formigas e displicência da cigarra. Desdenham-se mutuamente de forma maniqueísta toda vez que se encaram.

A imagem das formigas trabalhadoras que se esforçam para avisar a cigarra sobre a necessidade de se precaver para o futuro ao contrário da cigarra artista que assobia e toca sem dar ouvidos atravessa os séculos. A vida das formigas que não sabem cantar e da cigarra que só sabe cantar alcançam um clímax quando chega o dia da tragédia anunciada: o inverno pesado que as alcança a todas, formigas e cigarra, agora sob condições totalmente diferentes. O desenlace oferecido

por Esopo reflete as atitudes morais de dicotomia perante a vida, entretanto La Fontaine agiu com diplomacia ao oferecer uma alternativa humanista. Vamos a elas.

No inverno de Esopo as formigas superam os rigores da natureza enquanto a cigarra sofre uma grande crise de consciência até criar coragem de ir pedir ajuda às formigas. Mas as formigas não demonstram qualquer piedade: respondem à cigarra que, se ela soube cantar durante todo o verão, decerto que no inverno ela saberia dançar! No inverno de La Fontaine a cigarra também vai até o formigueiro na esperança de receber alguma ajuda, as formigas lembram que a cigarra as ajudou em algum trecho do caminho e, por gratidão, acolhem a cigarra. Durante todo o período de convivência, a cigarra canta e toca para as formigas, quando o inverno acaba os insetos se despedem.

A título de metáfora, se o embate entre as formigas e a cigarra fosse ambientada no Brasil, as formigas de Esopo seriam militantes dos movimentos conservadores, militares e filiados a partidos de extrema direita. Lembrem-se que na ditadura militar (1964-1985) havia toda uma mitologia acerca do povo brasileiro trabalhador, ordeiro, apolíneo, além da doutrinação do “país que vai pra frente” no “milagre econômico”. Contraposto a isso, também se criou um tratamento específico para os críticos da junta militar, em particular os artistas: quanto mais interessados nos movimentos sociais, mais a sua arte era chamada de



“vagabundagem”. Para calar a oposição implementou-se o Ato Institucional nº 5 trazendo a censura e as prisões políticas.

Trinta e cinco anos após a ditadura militar, hoje compete à Constituição Federal de 1988 garantir a liberdade de manifestação do pensamento (artigo 5º, IV); de consciência e de crença (artigo 5º, VI); a livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença (artigo 5º, IX) como direitos fundamentais humanos, além da garantia dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e às manifestações culturais (artigo 215), entretanto a sociedade civil brasileira também deve atentar para o fato de que é o seu dever defender esses direitos.

A censura a artistas no Brasil tem se renovado nos anos que antecederam à eleição do atual Presidente da República. O Brasil conservador traz uma série de ameaças e censuras a exposições e a artistas, a forte campanha utilizando fake news (notícias falsas) para destruir o principal mecanismo de fomento à cultura artística, a Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991) ou Lei de Incentivo à Cultura, e para ferir de morte a imagem de artistas que se utilizam da renúncia fiscal do governo para fomentar seus projetos na área cultural.

Após a eleição, os ataques diretos se agravam porque partem do próprio presidente da república como atos de governo. O mais simbólico deles foi a própria extinção do Ministério da Cultura, que foi substituída por uma Secretaria Especial de Cultura, ineficiente, e subordinada ao Ministério do Turismo.



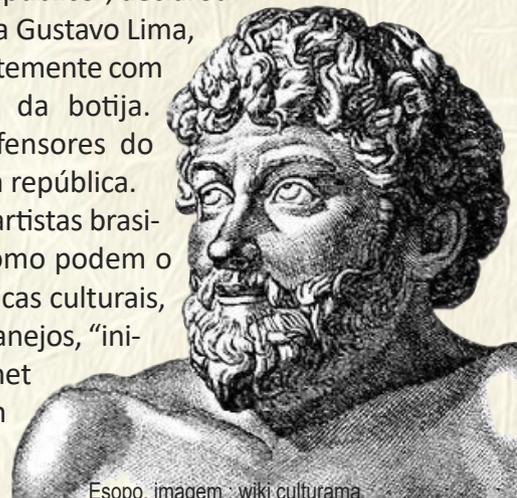
La Fontaine

Durante o primeiro ano de atuação os Secretários de Cultura se revezam, cada um mais ansioso por imprimir uma cultura neoconservadora no país.

Nesse cenário, a hipocrisia se sobressai a luz do dia sem que haja uma crítica que a enrubesça. São muitos os atores que cantam, choram, deitam e rolam em fortunas retiradas de cofres públicos de prefeituras paupérrimas para pagar esquemas de shows, com custos inexplicáveis. Nesse campo muitos cantores sertanejos, críticos da Rouanet, se locupletam com dinheiro público que são retirados de áreas como Educação e Saúde.

Os vampiros da cultura se sentem tão à vontade que chegam a pronunciar disparates tais como o que disse o cantor Sérgio Reis à Folha de São Paulo. Segundo ele as verbas das prefeituras são “dinheiro para o público e não dinheiro público”, declarou em defesa do colega Gustavo Lima, surpreendido recentemente com as mãos na boca da botija. Todos eles são defensores do atual governante da república.

Enquanto os artistas brasileiros enfrentam como podem o desmonte das políticas culturais, vários cantores sertanejos, “inimigos” da Lei Rouanet deitam e rolam sobre a carência total de tudo.



Esopo, imagem : wiki culturama

Sim, o movimento vem de dentro!



Sayonara Macêdo

Psicóloga Clínica, Educadora Somática e Poetisa

A poética do movimento é algo que vem desde a nossa primeira célula; pulsamos desde então, crescemos, nos desenvolvemos no ventre de nossa mãe e lá aprendemos de forma intuitiva a explorar nossas habilidades corporais. Através de movimentos graciosos, tocamos, sentimos, exploramos e experimentamos nossa casa, o útero materno. É a partir dos aspectos maturacionais do nosso sistema nervoso, que podemos estabelecer essa troca que primeiro é experimentada num ambiente micro (ventre materno) e depois macro (no mundo).

E assim nossa vida dia após dia se torna uma experiência complexa, que não diz respeito apenas a uma questão de hermenêutica, mas também de sensopercep-



ção; ou seja, vamos tomando consciência do nosso corpo e das nossas sensações corporais. Acessar essa sensibilidade nos dias atuais tem sido nosso grande desafio, uma vez que a cultura ocidental acaba desqualificando o sentir e encorajando a racionalização de nossas vivências. Se por

um lado, o nosso córtex frontal nos dá o entendimento do que está acontecendo, as áreas subcorticais nos permitem sentir e ao final, tudo se integra.

Ação e sensação fazem um verdadeiro ballet. Essa diáde, ou melhor esse padede, como é chamado na dança, constitui uma autêntica parceria entre o masculino e a força e o feminino e sua leveza. Dessa forma, a vida nos

convida diariamente a um bailado unindo as interfaces de força, leveza, ação e sensação. Será a vida uma dádiva psicobiológica imitando a arte? Ou o contrário também pode acontecer? Parece que as respostas podem

ser acessadas levando-se em conta não somente a apreciação estética do existir mas toda a potencialidade de um corpo vivo, fluido, pulsante e todas as suas possibilidades.

IMAGENS DA MULHER

em memórias da infância e da adolescência



Vicente Vitoriano

Professor, artista visual, cantor, crítico de arte e curador de artes

Em um primeiro ensaio autobiográfico escrito em 2011, além de noticiar sobre situações em que observei artistas e artífices em seu trabalho, fiz memória de imagens vistas na infância e que puderam ficar impregnadas na minha produção artística.

Naquele ensaio, categorizei as imagens como sendo as de objetos, imagens de obras de arte e imagens de mulher. Para esta edição da Revista Paleta, revi o trecho que fala de imagens de mulher

A imagem de mãe, da mãe de Jesus Cristo, talvez tenha sido a primeira imagem de mulher a fazer-se presente na construção de minha visualidade – entendendo visualidade como a síntese de tudo o que vemos e configura nossa percepção do mundo visual e que, no caso de um artista, vai embasar suas construções artísticas visuais.

Maria no presépio ou Maria icônica, quando representada como em

um ícone bizantino, é a que logo me chega à memória. A segunda é uma imagem tridimensional que há na igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Maria icônica, em Mossoró. Ambas possuem uma juventude ou mesmo uma pureza juvenil à qual se tornava difícil associar a maternidade, partos dolorosos e situações desagradáveis. Ao mesmo tempo, a natural reverência diante de uma imagem de caráter sagrado impedia uma recepção especificamente estética e os significados atribuíveis a tal não poderiam estar distantes da bondade, da profunda complacência e da ausência do pecado. Além de Maria, que também surge compungida como Nossa Senhora das Dores, numa

imagem que acompanhava a de Cristo carregando a cruz em procissões da semana santa, o mundo católico ainda me apresentava as meninas do trio de irmãs videntes de Fátima, elas duas, como o menino, exemplos de pureza, modelos castos a serem seguidos. E havia, evidentemente, a imagem de Santa Luzia, a padroeira da cidade, ideal da prática caritativa e da fidelidade ao catolicismo, repetido ainda em Santa Terezinha.

De um modo geral, quaisquer outras imagens femininas que povoavam a minha infância estão ligadas a algum tipo de funcionalidade publicitária, não



FIG. 01

Quadrinho de um catecismo de Carlos Zéfiro 03

que as imagens religiosas também não possuísem, desde sua origem, uma função de propaganda, à parte seu uso votivo. Mas o erotismo, à parte funções propagandistas, é o ingrediente fundamental de todo o conjunto de imagens não sacras ou religiosas da mulher, a começar pelas que enchem os chamados “catecismos” de Carlos Zéfiro (fig. 01), com seus quadrinhos densos de erotismo pornográfico, vulgar ou “imoral” e aos quais tive acesso por meio de cópias que apareciam nas escolas que frequentei.

O transitar entre imagens sacras e profanas da mulher, me parece, hoje, algo próprio de uma criança católica vivendo sua passagem para a adolescência, na transição dos anos cinquenta aos anos sessenta do século passado. Embora as diferenças entre as duas categorias fossem muito definidas, tive contato com imagens em que os limites entre ambas se tornavam borrados. Há, por exemplo, o filme “O Milagre”, de 1959, que vi não sei em que ano, em que se apresenta uma síntese entre as imagens religiosa e erótica da mulher de forma to-



Carroll Baker

FIG. 02

cante. No filme, Carroll Baker (fig. 02) interpreta uma freira noviça que foge para viver um romance, enquanto a santa padroeira do convento desce de seu altar para substituí-la. Lembro do debate em torno da questão levantada pelo filme, numa época em que filmes sobre a vida de santos ou épicos bíblicos eram comuns. Para mim, restou muito nítida a imagem de Carroll Baker, atriz que elegi como a mais bonita do cinema, não obstante minha admiração por Sophia Loren e a ampla divulgação de Brigitte Bardot. Carroll Baker significava o máximo em erotismo e suplantava, além de todas as mu-

lheres do cinema, as pin ups dos baralhos (fig. 03) e dos calendários, das revistas masculinas, particularmente da Playboy e, por fim, das misses e vedetes. Acrescento os desenhos de mulheres nas revistas de piadas, com seus corpos do tipo “violão” e seus avantajados seios, com equivalentes cinematográficos em Gina Lollobrigida ou Anita Ekberg.

O apelo erótico das atrizes e pin ups foi parcialmente transferido, e de forma suavizada,



FIG. 03

Pin ups em baralho



FIG. 05

Veruschka 197-

minha parte, houve mesmo um crescente interesse por modelos da moda em paralelo à admiração pelas mulheres do cinema. Isto se deveu principalmente ao filme “Blow-up”, de Michelangelo Antonioni. Neste filme, de 1966, o cineasta italiano mostrava a chamada “swingin’ London” a partir do mundo da moda, com sua miscigenação de tribos que iam de pessoas do high society, do rock (numa cena, mostra-se um concerto dos Yardbirds,

com Jeff Beck e Jimmi Page tocando e quebrando suas guitarras) e hippies. Nesse contexto, em um estúdio fotográfico, aparecia Veruschka (fig. 05), uma descendente da nobreza alemã e que se tornara modelo, que eu já conhecia de revistas em toda a sua agressiva beleza fortemente erótica. No filme, o erotismo é

realçado pelas seqüências de que Veruschka participa ao lado do ator David Hemmings. Além do erotismo, todas as imagens desta modelo estavam embebidas por um sentido artístico, propriamente dito, criado pelo fotógrafo Franco Rubartelli com quem a modelo formou um casal por quase uma década. Rubartelli teria sido o primeiro fotógrafo a ser identificado por mim como um artista autônomo. A imagem de Veruschka, associada ao desenho de moda feitos por José Boulier, que também a observou como referência, viria a ter um impacto sobre meus desenhos de figura humana feminina (fig. 06 e fig. 07). Mas isto é assunto para outras memórias.



FIG. 06

Boneca quebradiça, 1974



FIG. 04

Mulher na publicidade

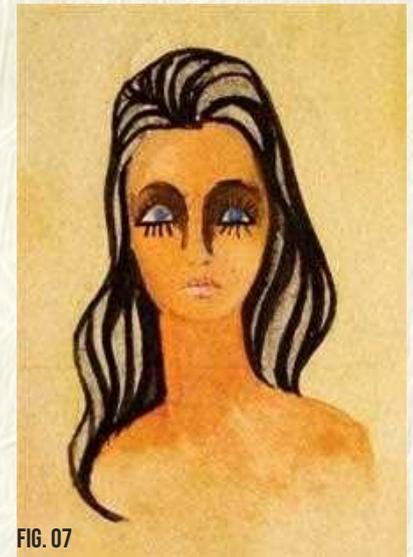


FIG. 07

Veruschka, 197

THOMÉ

*A impressão poética pictórica*¹



² *Manoel Onofre Neto*

Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN

O mestre Dorian Gray Caldas, em seu *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte*, referência maior no registro e fonte privilegiada na catalogação da expressão artística potiguar entre os anos 1920 e 1989, apresentou Thomé com os seguintes predicados: “Artista por excelência. Da melhor cepa. Autêntico”.³

Nascido em Natal no final da década de 1930, em 05.12.1938, Thomé Soares Filgueira logo cedo se destacou na cena artística do Estado. Com 19 anos foi vencedor do concurso de artes realizado na Aliança Francesa de Natal em 1957, sob o júri formado por Newton Navarro, Dorian Gray, Alexandre Roche, Oscar Nogueira e Adeilde Miranda.⁴



Seguidamente, com passagem pelos Estados Unidos, onde expôs no começo da década de 1960, mais precisamente na Califórnia, deixou-se influenciar pelos artistas norte-americanos do início do século, todavia “sem nenhum vestígio do modernismo da megalópole. Abstração ou alienação cômoda e fácil”, adverte Dorian.⁵

Thomé participou e protagonizou diversas exposições individuais e coletivas, e retrospectivas, tendo sido o único representante potiguar na III Bienal Nacional, realizada em São Paulo, em 1974.⁶

Com múltiplas influências, inclusive do inglês *William Turner*, segundo Fabrício Finizola uma das grandes referências do seu pai, e de quem vemos latente a presença de harmônicas composições em que a cor e a luz ganham destacado relevo. Entretanto, é no impressionismo – movimento emergido na pintura francesa no final do século XIX –, que melhor ancoramos a obra de Thomé. Não necessariamente na fiel e estrita verve daquela escola, devidamente datada.

Nesse particular, o professor aposentado de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e marchand Antônio Marques destacou que “Thomé é um pintor atual, surpreen-



te na combinação das cores, no traço rápido e parecendo sempre muito improvisado, porém detidamente estudado, o que mostrava um pleno domínio do seu ofício”. Amigo e um dos maiores entusiastas, em relato carregado de carinho, arrematou que “a obra de Thomé não deixa de ser um retrato dele mesmo, que sempre encantou e encantará a todos. Um grande homem. Um grande e talentoso artista”.⁸

Thomé emprestava sua íris para revelar e desvelar muito mais do que o registro fidedigno das variadas cenas e motivações que povoam sua obra. Pintava poesia. Cunhava métrica e rima visuais aos seus afetos imortalizados em cenas geralmente inspiradas na sua “Entre Rios”, fazenda sita no vale do Ceará-Mirim/RN, onde sal-



picava casarões coloridos, bois e cavalos, coqueiros esguios e espelhados alagadiços. Apanhadoras de algodão, o Rio Potengi e seus barcos navegantes; a ponte velha de Igapó; os casarios da ribeira, de dia ou à noite, compõem outros cenários da profícuca temática do artista, sempre estreitamente relacionada à sua gente e às suas raízes. As cenas sertanejas são de apelo tocante. A explosão das variações solares e ocres utilizadas pelo artista comovem todo e qualquer sujeito que pela aridez do sertão transitou. Aqueles que ainda não vivenciaram a lida do sertanejo ficam movidos em face do tocante e inebriante apelo visual. Indisputáveis, igualmente, são





as noites azuladas, crepitadas de luzes; os entardeceres avermelhados e os céus com suas nuvens movediças.

Pinceladas vigorosas e estruturantes, com matizes contrastantes de luz e cor, quase sempre carregadas de elementos escultóricos e por vezes criando texturas e sombras, compõem, de forma dinâmica e espontânea, o fazer artístico de Thomé que vem impressionando gerações aqui e alhures. Dorian Gray, nesse passo, profetizou: “toda a sua pintura tem o tático compromisso com a verdade. Com as origens. Ser cópia servil ou representação superficial. Pintura densa da terra e dos homens”.⁹

Viva Thomé!



1 Artigo originalmente publicado na revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letra. n. 64 – jul/set 2020.

2 **Manoel Onofre de Souza Neto** Colecionador e Curador. Realiza estudos sobre História da Arte, Coleccionismo, Museologia, Restauro e Mercado de Arte. Incentiva e divulga artistas visuais norte-rio-grandenses. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

3 DORIAN GRAY, Caldas. Artes Plásticas do Rio Grande do Norte 1920-1989. Natal, 1989. p. 307.

4 “O salão de jovens artistas abrigou o “Concurso Jogos Olímpicos de Verão”, realizado na sede da Aliança Francesa de Natal, em 12 de outubro de 1957. Thomé foi escolhido em primeiro lugar com a obra “Paz”, ficando em segundo Túlio Fernandes, com o quadro “Cais”” (DORIAN GRAY. Op. cit., p. 307).

5 Ibidem.

6 Thomé apresentou três óleos: “Usina”; “Alasão”; e “Paisagem”, todos 72cm x 82cm. O evento ocorreu no ano de 1974, antecedendo a XIII Bienal de São Paulo, sucedida em 1975. (CATÁLOGO. III Bienal Nacional – 74, nov./dez., p. 73, São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1974. Disponível em: https://issuu.com/bienal/docs/iii_bienal_nacional_1974. Acesso em: 17 ago. 2020.)

7 Antônio Marques (Depoimento oral).

8 Idem.

9 DORIAN GRAY, Caldas. Artes Plásticas do Rio Grande do Norte 1920-1989. Natal, 1989. p. 307.

MOURA RABELLO

um lugar na História das Artes Plásticas no RN - Começo do século XX



Isaura Amelia Rosado Maia

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceara, e Doutora em Sociologia da Educação pela Universidade de Salamanca, Espanha

Realizamos uma vasta pesquisa nos jornais do Rio Grande do Norte que deu suporte e concretude a essa publicação. Buscamos os passos e os acontecimentos registrados na imprensa sobre a arte potiguar referente aos primeiros 50 anos do século XX. E isto inclui o que ocorreu antes da Semana de Arte Moderna. Assim, refizemos a trajetória de Moura Rabello, objetivo primeiro destas anotações.

A pergunta que guiou o trabalho foi: como Moura Rabello se fez artista? Quais experiências culturais vivenciou? Como colaborou com o movimento cultural da Cidade do Natal nesse período? E, desse modo, fomos construindo as respostas no processo da pesquisa.

Do que encontramos nos jornais da época, podemos sublinhar importantes iniciativas: a criação da Escola Elementar de Belas Artes; a Primeira Exposição de Artes Plásticas do RN que enfocaremos neste artigo. A Retrospectiva de Moura Rabelo, em 1976, organizada

por Dorian Gray Caldas, diretor do Museu Histórico à época, será objeto de outra publicação.

Escola Elementar de Belas Artes

Moura Rabello e o seu trabalho começaram a aparecer na imprensa potiguar a partir de 1915. Porém, só em 1925, segundo publicação no jornal A República (26.07), que se cria a primeira ESCOLA ELEMENTAR DE BELAS ARTES em Natal. Sendo ele, um dos articuladores, ao lado de Hostílio Dantas e Eloy Ribeiro, cujos estatutos (em anexo), dão conta do esmero, da organização, da proposta educacional e pedagógica;



Os noivos, acervo da família

com objetivos, missão, currículo, programas, carga horária bem especificados, para os cursos geral e especial, previstos para serem ofertados aos interessados.

O Curso Geral compreendia três anos de estudo. No primeiro, se estudava Desenho Figurado, Geometria Prática e História da Arte. No segundo, as disciplinas eram Desenho Figurado e Geométrico, Projeção e Perspectiva, História da Arte, Escultura e Ornatos. No último ano, estudava-se: Desenho de Modelo Vivo, Escultura de Ornato e Anatomia Artística.

A Escola Elementar de Belas Artes recebia alunos de ambos os sexos; pagava-se mensalidade e havia exames de admissão ao final de cada matéria de estudo. Também era previsto nos estatutos uma mostra dos trabalhos realizados, com o objetivo de divulgação para o público. As obras podiam ser comercializadas e os recursos eram divididos entre a Escola e o aluno autor. A idade mínima para ingresso era de 12 anos de idade, além de atestado de boa conduta.

Primeiro Salão de Artes Plásticas do Rio Grande do Norte- Decreto 481 de 10 de julho de 1933



Retrato do Governador Juvenal Lamartine



Rebeca mocinha

A nossa pesquisa aponta a criação pelo Governo do RN do PRIMEIRO SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DO RIO GRANDE DO NORTE, em 1933. Regulamento, inscrições, comissão julgadora, premiações e os prêmios aquisição - constantes nos registros da imprensa da época - trazem à tona, novamente, os nomes de Moura Rabello e Hostílio Dantas, como organizadores e participantes.

Sabe-se que a exposição ficaria 15 dias aberta à visitação, teve comissão julgadora, que contou com a presença de Câmara Cascudo, Alice Carvalho (que tinha em funcionamento um curso de pintura), Cristina Rosselli (que não compareceu), o professor e pintor José Militão Pastrik, e foi presidida por Anfilóquio Câmara.

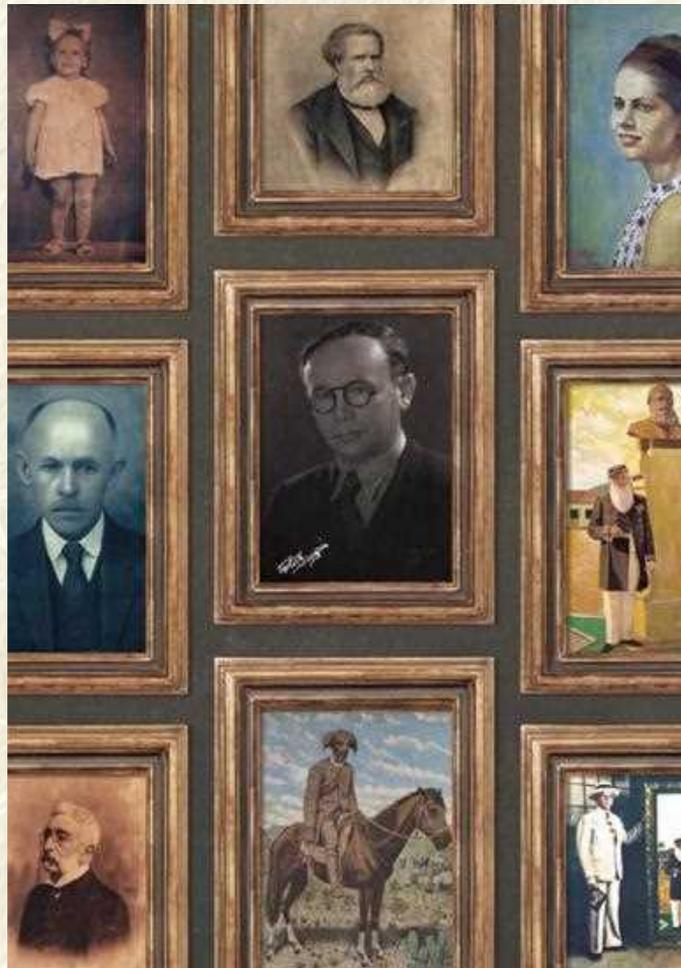
Na categoria escultura foi premiado “O Trabalhador”, de Hostílio Dantas, aliás, única concorrente.

Referente às pinturas, sabe-se que houve a participação de nove artistas. A comissão julgadora reunida resolveu excluir os trabalhos considerados cópias; colocou em segundo plano as pinturas auxiliadas por fotografias e definiu também a votação em escrutínio

secreto. Dentre as 18 telas concorrentes, obteve primeiro lugar o pintor Murilo La Greca, com uma paisagem do “Pão de Açúcar”, e o segundo lugar coube a Moura Rabello com a obra “Padre João Maria Entre os Humildes”.

Temos conhecimento de que Rabello expôs, na oportunidade, 10 obras, dentre elas, “O Baldo Antigo”, o retrato de Juarez Távora e o famoso quadro “O Vaqueiro”. A exposição foi realizada no Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão) e contou com o comparecimento do ilustre presidente Getúlio Vargas, que estava em visita a Natal. Anos depois, Moura Rabello pinta um retrato do presidente Getúlio Vargas e o entrega no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

Ao voltar à Natal no fim da vida, pouco antes de falecer, em entrevista concedida ao professor Tarcísio Gurgel, Moura Rabello ainda vai se referir a essa exposição e às mágoas que ficaram. Sobre a obra “Pão de Açúcar”, de Murilo La Greca ele diz que “era uma paisagem para qualquer tampa de manteiga”



Obras de Moura Rabello

O Decreto 481 (em anexo) que criou o Salão foi, na opinião de um jornalista da época, “Providência eminentemente patriótica e salutar, ligando no sentido do mais alto e mais dinâmico as fontes nativas e vivaz do nosso espírito, há muito hibernando à míngua de iguais estímulos”.

Não há dúvidas de que a história da Arte potiguar já estava sendo gestada nos anos 1920.

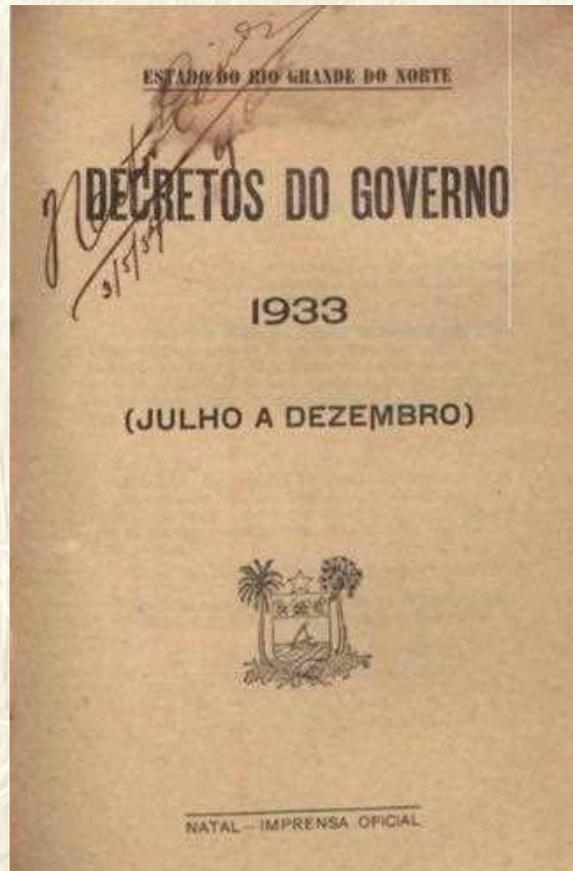
Destaco ainda que no material alcançado, encontro como registro anterior à Moura Rabello, a referência que existia, na residência do Comendador Alberto Rosseli, na esquina da Av. Rio Branco com Av. João Pessoa, painéis e afrescos pintados diretamente nas paredes (Danilo, 04.08.1971, Diário de

Natal). Trata-se, segundo Dorian Gray Caldas (Artes Plásticas no Rio Grande do Norte, 1989, p:21), das pinturas de Joaquim Fabrício Gomes de Souza, arquiteto, pintor histórico, pioneiro nas artes no Estado, além de poeta e professor do Atheneu, que fora diplomado pela Academia Imperial de Belas Artes, que era

apoiada por Dom Pedro II.

Voltando aos artistas e apoiadores que transitavam em Natal nos primeiros 50 anos do século XX, encontramos citações de Murilo La Greca, Hostílio Dantas, Moura Rabello, João Ricardo, Lourdes Guilherme - que se dedicou à pintura em porcelana -, Misabel Pedrosa, José Militão Pastrik e Eloy Ribeiro, dentre outros.

Rabello, objeto dessas notas, viveu - como a própria filha relata em muitos períodos da vida - apenas da pintura. Encontramos nos jornais da época, nos créditos suplementares e balanços publicados pelo Estado, apoio para publicação de poemas e sabemos da encomenda para produção dos 20 retratos de personalidades nacionais. Em 1971 tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; pertenceu também à Academia de Letras do Rio de Janeiro e recebeu o título de cidadão carioca, onde viveu por 44 anos. Foi homenageado pelo Governo do Rio Grande do Norte



quando colocou seu nome em uma rua na Candelária: Rua Professor Moura Rabello.

Na nossa pesquisa, não encontramos nenhuma referência ao natalense Raul Gomes Pedrosa (Natal, 1892-1962, Rio de Janeiro), teatrólogo, desenhista, escritor, gravador e pintor, aluno da Escola Nacional de Belas Artes em 1917, casado com a pintora Olga Mary ou Misabel Pedrosa, que viveu entre o Rio, Paris e Florença, registrado na pag. 69 do Livro Isaura Amélia Coleção de Arte, SAPP, 2019, como verbete da obra “Le Chomeur”, RN746 transcrito do Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, 1969 de Raul Pontual.

Isso posto, constatamos que no tema artes plásticas e artes visuais há um campo vastíssimo e pouco explorado para estudos e pesquisas. Trazer a lume artistas, suas técnicas, suas biografias, nossas galerias, ainda é tema instigante nas artes plásticas potiguares.

ISAURA AMELIA ROSADO MAIA é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceara, e Doutora em Sociologia da Educação pela Universidade de Salamanca, Espanha. Trilhou um vasto caminho na gestão Cultural. Foi Secretária da Cidadania e da Cultura em Mossoró, oportunidade que criou o Auto da Liberdade e resgatou a ópera popular de resistência ao bando de Lampião, Chuva de Bala no País de Mossoró. Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes quando iniciou o Cortejo Cultural e o Auto de Natal. Foi Secretária Extraordinária de Cultura e Presidente da Fundação José Augusto em várias administrações. Presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do RN e Secretária Adjunta da Educação. Suas ações sempre estiveram voltadas para a criação de Salões de Arte, operas populares, publicações de livros e Revistas.

Adriano Caldas

Organizador

NAVEGANTES

Espaço poético

O RIO

(Sanderson Negreiros)

O rio elabora o vazio do tempo.
E em si cansaço, mas entrega-se
Aos rumos, lento e profundo.
Ao saber-se fonte única, sem
Começo nem fim, trabalha suas
Auroras no sigilo da noite, e
Passa, aceso pelo vento.
Entre canavial e catástrofes
sucessivas, flui, torrente remota
E hesitante, Ventos imaturos
Confinam-lhe a paisagem e
Trazem lendas de sol, morrendo
Nas tardes do vale. E por essas
Tardes, o rio prossegue, na tortura
De ser breve e inteiro, na
Clareza onde dormem canções.

SPLEEN

(Luís Carlos Guimarães)

Da voz baixa, oca, de meios-tons,
mal se escuta os imprecisos sons
da vã despedida que não lavra
sequer a semente da palavra.
Nem também o gemido de agonia
abafado nos arcos de uma galeria.
Apenas sussurro que logo se cala
com o hálito de morte que exala.
Fio da voz esquecida no calabouço,
emparedada no fundo de um poço.
Não tem eco, subterrânea, perdida
nas trevas de um túnel sem saída.
Condenada a não ter esperança,
ao ser articulada, já se cansa.
Afogada no lodo de uma cisterna,
presa na escuridão de uma caverna.
Voz de ninguém para o nada,
antes de nascida, abortada.

MANGUE LIBERTÁRIO

(João Vicente Guimarães)

Os operários vão cair no mangue!
E suas mãos baratas, compadecidas,
Vão dominar, por certo, um mostro exangue
E o ferro feito o fel de suas vidas.

Dormirão no peito as dores contidas!
Dores tão tristes que não há quem tanguê.
E enquanto bebem, entre tantas lidas,
Bebem em doses o seu próprio sangue.

A Noite, bem mais clara que sua alma,
Cairá de leve... e numa bruta calma,
Vai arrochando os pobres com seus braços.

Mas, um dia o Sol nasce! E os operários,
Não mais pisando os passos dos seus passos,
Já vão cair no mangue libertários.

AREIA

(Leonam Cunha)

A primeira vez que nasci
foi sobre uma planície de areia.
Os grãos açoitaram-me os olhos
e entulharam minha boca
de palavras ásperas.
Minha mãe, para me dar à luz,
precisou atravessar o rio
mas o rio estava seco.
Então ocorreu de meter
o pé na lama, como eu faço
no meu passo tremido de samba.
Meu pai largou de vender leite,
derrubou a brancura
sobre o solo de minha mãe.
A segunda vez que nasci
foi sobre uma planície de areia.
Mas a maré estava alta.
Não careci ensinamento
para simular as tartarugas
que deslizam até beira d'água.
Apenas fui. Não atinava que no mar
teria nascido melhor.
A terceira vez que quis nascer
foi no colinho de Odojá.

VELHO MARINHEIRO

(José Saddock de Albuquerque)

cai dentro de mim...
meus olhos são velhas lunetas
que já não alcançam o novo mundo.
sou capitão sem barco
mapa sem tesouro
sou abismo...
(...)
os sonhos que deixei no mar
nunca mais os naveguei.

VERDE

(Marcello Melo)

Encontro o passado no presente,
Descrevo um novo mapa enraizado nas
lembranças de outrora.
Vejo o menino dentro de um espelho, que
chorou a dor da seca, da terra ardendo e o
desespero dos meus.
Mas a alegria chegou: milho apontando para o
céu, feijão enramando chão afora e batatas
crescendo livres.
Mas olho para ti, que és o sinal de fé e de
esperança, estais como sempre: verde.
Sendo a certeza da vida,
Este canto é seu, meu Algaroba querido.

O TEMPO

(Mário Quintana)

A vida é o dever que nós trouxemos para
Fazer em casa
Quando se vê , já são seis horas
Quando se ver, já é sexta-feira
Quando se ver, já é natal...
Quando se ver, já terminou o ano...
Quando se ver, já perdemos o amor da nossas vidas.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser
Reprovado...
Se me fosse dado um dia outra oportunidade eu nem
olhava o relógio seguiria sempre em frente e iria jogando
pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu
o amo...
E tem mais não deixe de fazer algo de que gosta devido a
falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que,
infelizmente, nunca mais voltará.

Não tenho visão, sou visionário no dicionário dos
pequenos. Não tenho calma, trago na palma a alma
dos mais, a alma dos menos. Não tenho fama, sou
difamado pelos mais amados, pelos mais amenos.
Não tenho abrigo, sou amigo das estradas, das
madrugadas, do sereno. Não tenho dor, vivo doendo.
Não faço versos, os versos, em mim, vão se fazendo.

(João Andrade)

GIÁCOMO PALUMBO

um arquiteto e urbanista que precisa ser lembrado



Alfredo Neves

artista plástico, editor da Revista Paleta, poeta e vice-presidente da Academia Macauense de Letras e Artes.

Para escrever sobre Giácomo Palumbo é preciso ir até aos anos de 1924 a 1930, onde a cidade do Natal era presidida pelo brasileiro-canadiano Omar Grant O'Grady (1894-1985). Omar O'Grady, engenheiro de formação, sucedeu o seu

sogro o caicoense Manoel Dantas (1867-1924) na Intendência do município. Com ideias inovadoras para o seu tempo e pela própria formação em engenharia nos EUA, trouxe para a capital da província medidas avançadas para a acomodação que a cidade vislumbrava de crescimento populacional. O Intendente projetava que a cidade chegaria a mais de 100 mil



Giácomo Palumbo



Sobrado com as características da reforma, em 2016 - Foto divulgação - Fonte: <https://vitruvius.com.br>



Sobrado de residência de Othon Lynch Bezerra de Mello, em suas feições primitivas - Foto divulgação (Acervo pessoal de Carlos B. Mello) - Fonte: <https://vitruvius.com.br>

habitantes ao final dos anos 1930, para tanto, e com um plano admirado por várias personalidades do período, e antes de ser destituído por decreto oriundo da revolução de 1930, o governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, renovou o seu mandato já como prefeito de Natal em 1929 objetivando a conclusão do Plano Geral de Sistematização da cidade do Natal, iniciado e elaborado há cinco anos pelo então contratado pela intendência o urbanista e arquiteto Giacomino Palumbo. A partir desta introdução, sigamos então no próximo parágrafo sobre este importante personagem não só do estado do Rio Grande do Norte, mas também na Itália, Pernambuco, Paraíba e Rio de Janeiro.

Giacomino Palumbo foi um cidadão do mundo, filho de pais italianos Gabriel e Giulia Palumbo, nasceu na Grécia em 1891 e faleceu em 1966. Podemos dizer que para o Rio Grande do Norte ele está ao lado de grandes nomes da arquitetura, como Herculano Ramos, que tem em seus projetos de construção a Praça André de Albuquerque, a Augusto Severo e a reforma do Teatro Carlos Gomes, atual Alberto Maranhão, e outros ícones como Miguel Micussi, construtor do Palácio Felipe Camarão e, notadamente, pelos projetos visionários de adequação dos espaços urbanos da capital, re-



Palácio da Justiça - projeto arquitetônico de Giacomino Palumbo -
Fonte: oriundibrasile.blogpost.com



Representação do projeto da fachada principal, de autoria de Giacomino Palumbo, com auxílio da técnica de aquarela, em 1922 Imagem divulgação (Acervo pessoal de Carlos B. Mello) - Fonte: <https://vitruvius.com.br>

servadas as devidas proporções do tempo e dos objetivos, mas de resgate memorial de outro arquiteto renomado à época, chamado Antônio Polidrelli, de acordo com Dantas (2003, p.21 – p41) “Polidrelli era agrimensor italiano e funcionário da Intendência Municipal de Natal que iniciou a criação do Plano Cidade Nova (atuais bairros de Petrópolis e Tirol) em 1901 a 1904, na presidência do Coronel Joaquim

Manoel Teixeira, de 1898 a 1909”. Na sua administração iniciou-se as bases para o ordenamento urbano da capital. Nesse período basicamente a cidade era dividida pelos bairros históricos da Ribeira e Cidade Alta, o primeiro concentrava-se o comércio e o outro era praticamente residencial. Manoel Teixeira fora nomeado pelo então governador do estado Joaquim Ferreira Chaves. Palumbo, no entanto, com base nos dados de O’Grady, como vimos mais acima, e a cidade em crescente ascensão, coloca em prática, e certa-

mente revendo o que foi iniciado por Polidrelli, e com perspectiva numa nova ótica urbanística, a implementação célere de um “Plano Diretor” para as adaptações necessárias dos imóveis, arruamentos e o saneamento básico da cidade. Para tal feito o seu Plano Geral era mais audacioso em Relação ao de Polidrelli, pois estaria pautado num número populacional previsto em torno de

100 mil moradores, número só foi atingido lá pela década de 1950, sendo que na década de 1930 a cidade chegara aos 30.000 a 40.000 mil habitantes, bem distante da previsão, mas o suficiente para fazer valer parte do seu Plano Geral de Sistematização de Natal. Até os dias atuais, há muitos debates se o Plano foi ou não implementado a contento, mas o propósito é mostrar de como visionários, tanto o intendente O’Grady como o urbanista Palumbo, deram passos decisivos para a cidade avançar nas suas estruturantes obras públicas para a produção de espaços urbanos.

Motivei-me, então, a escrever este artigo quando vi uma placa num bloco de edifícios, e nela estava escrito: Condomínio Giacomino Palumbo, na Rua Maxaranguape, no Bairro do Tirol. Vagamente já havia ouvido falar sobre Giacomino Palumbo, mas empolguei-me bastante em pesquisar e escrever estas poucas laudas, para neste espaço da Revista Paleta servir de difusão de mais um pouco da sua vida e obra. A minha curiosidade foi aumentando à medida que fui mergulhando em algumas leituras.

Recorri ainda para dissipar algumas dúvidas, ao mestre, amigo e imortal da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Manoel Onofre Jr., para saber sobre o arquiteto e urbanista. De posse de muitas informações importantes, recebo então de Onofre um re-



Um dos inúmeros tapetes em ladrilho existentes no imóvel, soluções do projeto de Giacomino Palumbo - Fonte: <https://vitruvius.com.br>

corde do livro: “Personalidades Históricas do Rio Grande do Norte”. Natal: Fundação José Augusto – Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, 1999, de modo que extraí mais estes dados: “Giacomino Palumbo nasceu em Tebas (Grécia), a 02.09.1891, filho dos Italianos Gabriel e Júlia Palumbo. Seu Pai, Gabriel Palumbo, era engenheiro e participou da equipe de Ferdinand Marie de Lesseps, que construiu o Canal de Suez (João Maurício F. de Miranda, 380 ANOS DE HISTÓRIA FOTOGRÁFICA DE NATAL, 1599-1979, P. 116). Formou-se na escola de Belas Artes de Paris e, por uma série de circunstâncias resolveu mudar-se para o Brasil (1918), fixando-se no Nordeste. [...] Sua intervenção que mais repercutiu foi a elaboração do Plano de Sistematização Urbana da cidade, até hoje popularmente conhecido como “Plano Palumbo” [...] A simétrica disposição das vias compreendidas nos quadriláteros demarcados pelas avenidas Marechal Hermes da Fonseca e Marechal Deodoro da Fonseca, no sentido norte-sul da cidade,

de um lado, e pelas ruas Apodi e Seridó, no sentido Leste-Oeste, de outro, p.e., é originária do referido Plano.” Palumbo queria ainda estender uma avenida contornando o Forte dos Reis Magos, para a contemplação do delta do Rio Potengi e a bela visão do Oceano Atlântico, fi-



Um dos inúmeros tapetes em ladrilho existentes no imóvel, soluções do projeto de Giacomino Palumbo - Fonte: <https://vitruvius.com.br>

cando essa parte do projeto e outras apenas no papel.

Por meio de pesquisas, e na medida em que escrevia este texto, fui percebendo que há outros tantos artigos científicos, monografias, dissertações e teses que fazem referência ao “Plano Palumbo”, concentrando assim informações no campo da intelectualidade, curiosos e profissionais no assunto da arquitetura, na academia e alguns sites especializados, mas infelizmente de desconhecimento de grande parte de professores, alunos e de diversas comunidades. Alguns dados foram se tornando obrigatórios, principalmente sobre o local de falecimento de Giacomino Palumbo, informação rara e impossível de encontrar em livros e na internet, ao menos foi o que percebi. Com isto, e sabendo do trabalho de dissertação do professor de História da Arquitetura da UFRN, George Dantas, consegui o contato do mesmo com a professora Giovana Paiva. O professor George Dantas me repassou informações importantes, satisfazendo inclusive a minha ansiedade quanto ao local de encantamento de Giacomino Palumbo, sendo no Rio de Janeiro em 1966, falecendo aos 75 anos de idade. Segundo ainda o professor George Dantas, por lá ele se estabeleceu e produziu muitas coisas, apesar de não ter quase nada mapeado a partir dos anos 1930. Dantas ainda pôde entrevistar a sua filha Yvette Palumbo e o neto Hélio Eichbauer, um renomado cenógrafo, em



Placa de rua em Lagoa Seca

2001. Yvette nasceu em Recife e também já se encontra encantada. Outro dado importante, que pude ver em vários escritos, é o de que Giacomino Palumbo estudou na École des Beaux Arts, e isto foi corrigido numa pesquisa recente de mestrado de Karine Cortez na UFPE, onde o professor George Dantas esteve em sua

banca. Segundo Karine Cortez, Palumbo não estudou nessa renomada escola, e sim numa escola privada de arquitetura muito boa, que era dissidente da conhecida Beaux Arts, que se chama École Spéciale d'Architecture.

Além de Natal, Areia Branca-RN também teve o seu traçado urbano definido por Giacomino Palumbo. Num artigo de Ingrid Carneiro de Lima, Maria Juliana Jamille Barra de Souza e Vladileuza Moreira de Souza, em *A MEMÓRIA DE UM LUGAR ESQUECIDO NO TEMPO – VALORIZAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES URBANAS DE AREIA BRANCA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL*, alunas da UERN, elas escrevem que o processo de urbanização da cidade

foi feito pelo Coronel Francisco Fausto de Souza, que durante catorze anos foi presidente da Intendência Municipal e Prefeito por um ano (1914-1930). E Continuam: de acordo com Deífilo Gurgel, o plano de urbanização de Fausto contou com a colaboração do urbanista italiano Giacomino Palumbo que na década de 1920 implantou o Plano Diretor de Natal. Coronel Fausto ressarcia os donos de ca-



FIGURA 3 – Traçado das delimitações de Natal em 1599, a do Plano Polidori e a do Plano Palumbo em Natal
Fonte: Anuário de Natal 2007, 2008.

sebres localizados em pequenas vielas e em seu lugar construir ruas largas e retilíneas. No centro da cidade, edificou um Eixo Central (como em Brasília) partindo da igreja de Nossa Senhora da Conceição que alcançava as margens do açude. Nesse espaço, foram construídos: uma praça (que recebeu o mesmo nome da igreja), o Palacete da Intendência Municipal, o Mercado Público, a usina de energia elétrica e um Grupo Escolar.

Com projetos na Paraíba e outros com maior destaque em Recife, como o Hospital do Centenário, a Ponte Duarte Coelho e o Palácio da Justiça, Giacomino Palumbo ainda ofereceu solução de Projeto para ladrilhos e vitrais com base nas mudanças dos “padrões estéticos e higienistas” nas primeiras décadas do século 20, no sobrado de residência de Othon Lynch Bezerra de Melo. Hoje em Natal, com pouco destaque à lembrança desse personagem que por aqui passou e mudou a paisagem da cidade, e por ter vislumbrado aos natalenses um futuro mais aprazível e funcional, Giacomino Palumbo tem em sua homenagem nome de



Mapa do plano de sistematização

um condomínio residencial e uma pequena rua com o seu nome em Lagoa Seca.

Mas sempre há esperança para o resgate de nomes tão importantes como o de Palumbo, e é este o objetivo de escrever este artigo. Um artigo sem nenhuma exigência acadêmica ou pretenciosa profundidade sobre o personagem abordado, no entanto, tem o intuito de não permitir que Giacomino Palumbo seja esquecido como tantos e tantos que desapareceram da oralidade do povo e das rodas de debates no meio escolar ou interessados na temática.

Recentemente visitando o Museu Câmara Cascudo, na Avenida Hermes da Fonseca, pude ver um mural com um pouco da história deste urbanista e arquiteto que se inseriu fortemente num período da história de Natal, do Nordeste e do Brasil, onde por aqui deixou como legado bairros de ruas largas, ruas arborizadas e prontas para receberem os seus moradores num encontro visionário com o futuro dum espaço em crescimento que se tornaria um dia a Cidade do Sol ou Noiva do Sol como alguns a denominam tão carinhosamente.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Raimundo. O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930 / Raimundo Arrais, Alenuska Andrade, Márcia Marinho. – Natal, RN: EDUFRN, 2008.
- DANTAS, George Alexandre Ferreira. Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em Natal nos anos 1920. Dissertação de Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído. Escola de Engenharia de São Carlos: São Paulo, 2003.
- DANTAS, Ana Caroline de Carvalho Lopes. Sanitarismo e planejamento urbano: a trajetória para as propostas urbanísticas para Natal entre 1935-1969. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. UFRN: Natal, 2003.
- <https://pensenumanoticia.com.br/vamos-saber-o-que-e-o-plano-palumbo-de-natal/>
- <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/17.199/6358>
- <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/16.pdf>
- <https://www.nataldasantigas.com.br/blog/o-plano-palumbo-alecricim-cidade-operaria>
- <http://oriundibrasile.blogspot.com/2010/06/italiani-giacomo-palumbo-eo-palacio-da.html>
- https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2021/12/CORTEZ-MOREIRA-ARTIGO_DOCOMOMOBRI4_REVISÃO.pdf
- <http://www.ipatrimonio.org/recife-antiga-escola-de-medicina/#/map=38329&loc=-8.05834600000002,-34.90028399999999,17>

